



PORTUGAL DEMOCRATICO

ANO VII — N.º 66 — S. PAULO, NOVEMBRO DE 1962 — REDAÇÃO: RUA CONSELHEIRO FURTADO, 191, SALA 2 — CAIXA POSTAL N.º 4.469

REPRESSÃO: ARMA DE DOIS GUMES

Mensagem aos presos políticos

O mês de Outubro ficou assinalado em Portugal por uma intensificação da repressão. Diante do recrudescimento da luta do povo português, e vendo-se forçado a aceitar o combate numa multiplicidade de frentes, a ditadura fascista, acuada e desesperada, lançou mão do ultimo recurso que lhe restava: a intensificação do terror policial! De um lado, tinha de enfrentar uma crescente resistencia á guerra colonial, dia a dia mais impopular nas ruas, nos campos e nos quartéis. De outro, preocupava-a a tensão resultante da extensão das lutas reivindicatórias do proletariado e da amplitude assumida, no Sul do País, pelo movimento camponês em defesa da jornada de oito horas. O reinício das aulas nas Universidades constituia outro motivo de preocupação para as autoridades fascistas, que não esquecem a importancia que as jornadas de maio tiveram no fortalecimento da mentalidade insurreccional entre as massas.

O desencadeamento de uma onda de terror indiscriminado foi a resposta esperada ao ascenso da luta popular pela derrubada do fascismo. É significativo, entretanto, que, no seu desespero, coagido pela pressão de forças cada vez mais unidas e organizadas, Salazar se tenha visto na contingencia de recorrer novamente a processos a que já decidira renunciar parcialmente por temer as suas implicações no plano internacional. Os mecanismos desencadeados pela furia repressiva do fascismo voltam-se, assim, contra este.

A PIDE voltou a espancar e a torturar todos

os patriotas que lhe caem nas mãos, exatamente como nos tempos aureos do nazismo. O processo das JAPS, cujo julgamento pelo "Tribunal Plenário do Porto" coincide com o lançamento desta edição de PORTUGAL DEMOCRATICO insere-se no desenvolvimento dessa tática. O governo quer mostrar a sua força, dar um exemplo da sua determinação de destruir pela base as Juntas de Ação Patriótica. Mas, em vez de inspirar medo, apenas consegue reforçar o espirito de luta das massas, levando-as a unir-se cada vez mais em torno das JAPS.

A oposição emigrada cabe neste momento um papel de grande importancia na denuncia da nova vaga de terror policial. O clamor que atravessa as paredes dos presídios salazaristas precisa chegar a todos os recantos do mundo. E ninguém melhor do que os democratas portugueses no exilio se encontra em condições de fazer com que o eco desse clamor atinja os autores dos crimes praticados por Salazar e pelo seu aparelho repressivo. O velho ditador teme as reações da opinião publica internacional por saber quanto elas comprometem o apoio que vem recebendo do imperialismo. Daí a necessidade de se intensificar a luta mundial pela ANISTIA. A Conferencia de Paris, em dezembro, será o corolário lógico da campanha que se desenvolve em todo o Mundo. Entretanto, impõe-se intensificar junto de todos os organismos internacionais e, de modo geral, junto de todas as associações, entidades e personalidades que apoiam a luta do povo português, os esforços capazes de transformar em atos positivos pela ANISTIA a solidariedade formal de todos os anti-fascistas.

**PORTUGAL
DEMOCRATICO**

No decurso do ato público de lançamento do livro "A Resistencia em Portugal", realizado na Livraria Brasileira, no dia 19 de Outubro (v. pg. 8) foi lida e posteriormente assinada pelas personalidades presentes a seguinte mensagem:

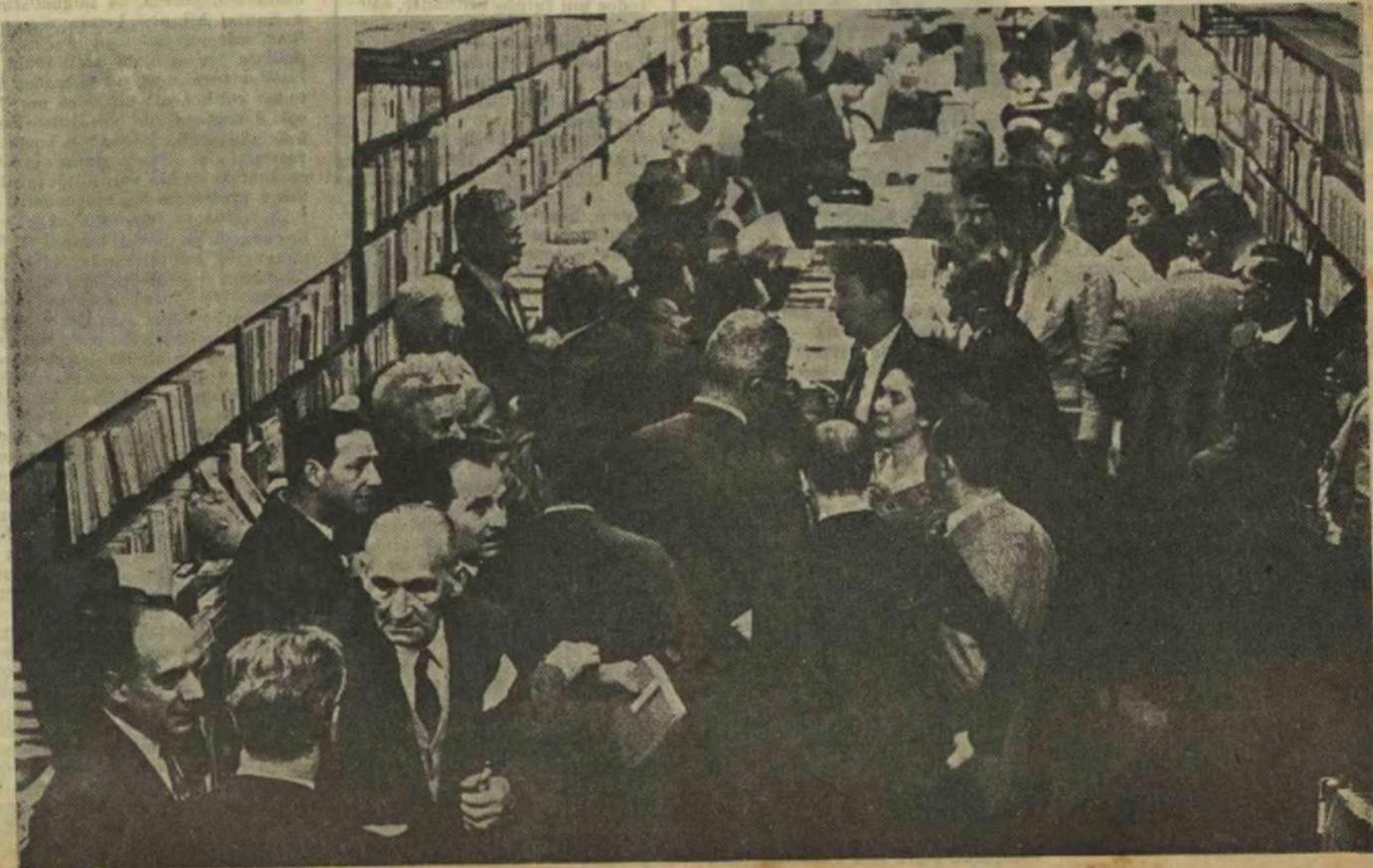
Reunidos em São Paulo, no lançamento do livro "A Resistencia em Portugal", da autoria de Amílcar Gomes Duarte, um patriota que luta, na clandestinidade, pela derrubada do fascismo salazarista, os abaixo assinados, escritores, jornalistas, professores, juristas, estudantes, voltam-se em espirito para vós, os patriotas que, nos presídios de Caxias, Peniche, Aljube, Paços de Ferreira, da PIDE do Porto, e em tantos outros, espalhados por Portugal, Cabo Verde e Angola, sofreis na própria carne os vexames e as violências a que vos sujeita um regime fascista que não vos perdoa a vossa coragem, o vosso amor á liberdade e á dignidade.

E, testemunhando-vos irredutível solidariedade, nesta hora em que no Brasil é lançado este livro simbólico e comovente, que documenta o vosso heroísmo e narra os crimes repugnantes perpetrados pelo fascismo salazarista contra o povo português, fazem questão de acentuar que se mantêm vigilantes na denuncia de todas as violações dos Direitos do Homem, que tão cruelmente vos atingem.

Apelo de H. Delgado e Ruy Gomes

"Os dois signatários deste apelo, tomando conhecimento de que muitos cidadãos portugueses estão sendo submetidos a processo pelo governo fascista português, em virtude de lutarem pelas liberdades democráticas, vêm alertar a opinião pública brasileira para esse novo atentado do regime de Salazar aos Direitos do Homem e aos principios inscritos na Carta das Nações Unidas.

Entre os patriotas que vão ser "julgados" pelo Tribunal Plenário do Porto, no próximo dia 29, contam-se os seguintes: Virginia Moura, engenheira; Lobão Vital, arquiteto Guedes Pinheiro, médico; Soares Dias, operário; Ribeiro da Silva, advogado; Victor de Sá, escritor; João Xavier, comerciante; Cons-



(Continua na pag. 2)

Um aspecto do grande salão da Livraria Brasileira na tarde do lançamento de "A Resistencia em Portugal", de Amílcar Gomes Duarte

O 5 de Outubro em São Paulo

O 5 de Outubro foi em São Paulo, como já é tradicional, uma grande jornada de confraternização entre os democratas portugueses residentes na Capital paulista. O 52.º aniversário da proclamação da República foi celebrado com um jantar ao qual compareceram quase trezentas pessoas entre portugueses e brasileiros. Presidiu, como em anos anteriores, o comandante João Sarmento Pimentel, na qualidade de presidente do Centro Republicano Português, entidade promotora das comemorações. Estiveram presentes na mesa de honra, como também é da tradição, figuras em grande destaque nas letras, na política e na vida universitária brasileira e, além de muitas senhoras, representantes de jornais, movimentos, associações e organismos de caráter cultural e político que emprestam a sua solidariedade à luta travada pelo povo português contra o fascismo salazarista. A nota dominante da noite foi o ambiente de fraternidade que se estabeleceu na sala em decorrência do próprio significado da efemeridade festejada. Particularmente significativo é o fato de ter comparecido um elevado número de emigrados recentes, numa demonstração expressiva de que a frente de combate ao salazarismo se dilata à medida que a unidade de todas as correntes anti-fascistas deixa de ser teórica para se tornar uma realidade.

UMA SAUDAÇÃO DO GENERAL DELGADO

Compromissos tomados no Rio de Janeiro com os democratas portugueses daquela cidade impediram o general Humberto Delgado de estar presente, atendendo ao convite do Centro Republicano Português. Por esse motivo, enviou uma carta ao nosso companheiro de redação dr. Manuel Sertorio, pedindo-lhe que o representasse na qualidade de "pessoa mais ligada, das residentes em São Paulo, à viva época" da sua candidatura à presidência da República. Essa carta foi lida pelo próprio destinatário antes de se iniciarem os discursos.

O embaixador Alvaro Lins, impossibilitado de viajar devido a afazeres profissionais, fez-se representar pelo sr. Miguel Urbano Rodrigues, expedindo telegrama de "saudações fraternais aos companheiros presentes com votos de uma breve restauração das liberdades republicanas em Portugal, mediante destruição da ditadura anti-republicana." Foram também, entre outros, lidos telegramas de Manuel Nunes, pelos portugueses de Praga, e dos conhecidos democratas Ricardo Seabra e Antonio Amorim. O general Lyra Tavares, comandante da II Região Militar, e o ministro Vicente de Paula Lima, presidente do Diretorio Regional da UDN, enviaram mensagens, associando-se às comemorações. Durante o expediente, foi chamada a atenção dos assistentes para a presença na sala dos representantes das Lojas Maçonicas "Gran-

de Oriente" e "Grandes Lojas"; de uma delegação do Centro Académico XI de Agosto; da secretaria da Comissão Brasileira para a Anistia, dra. Dolores de Mello Vasão; e do sr. Calazans de Campos, representando o diretor de "Última Hora" e o diretor da redação, sr. Armindo Blanco.

PALAVRAS DO PADRE NARINO

Depois de breves considerações alusivas ao significado da data, acentuando que presidir há mais de vinte anos ao jantar de confraternização republicana do 5 de outubro em São Paulo, o comandante Sarmento Pimentel deu a palavra ao padre José Narino de Campos que abriu a série de discursos.

Principiando por declarar que a intenção dos democratas ali reunidos era a de jurar fidelidade e prestar "reverência ao ideal de renovação e de liberdade que constitui, sem dúvida, a essência duradoura da revolução do 5 de Outubro", o orador abordou o problema da posição dos católicos afirmando:

"Por muitos anos, os católicos portugueses orientaram a sua atuação política para constantes movimentos de oposição à República, no propósito firme de restaurarem a Monarquia, à qual dir-se-iam unidos por uma espécie de casamento indissolúvel, sem terem a lucidez bastante para compreender que a velha Monarquia havia morrido, e não exatamente por assassinio dos republicanos, mas por efeito da própria incapacidade governativa e da decrepitude orgânica das instituições. A pouco e pouco, os católicos adquiriram a convicção de que não era mais admissível confundir as sublimes aspirações de uma Igreja viva com os interesses de uma elite sustentada por um regime que sabiam definitivamente encerrado. E assim nos é hoje possível, sem o menor agravo à religião, exprimirmos os nossos votos pela restauração e engrandecimento da Democracia em Portugal, Democracia cujo primeiro nome foi, entre nós, e já no âmbito das modernas concepções de vida, a palavra República.

"No entanto, esta reunião, por força da entidade que a promoveu e pela categoria das pessoas que lhe dão o apoio de sua presença, tem um sentido ainda mais importante em relação ao nosso tempo



O Padre Narino de Campos no uso da palavra

e, por consequência, a cada um de nós, que lhe advém do seu caráter original anti-salazarista e antitotalitário. Muitas vezes ouvimos criticar alguns dos círculos católicos mais influentes, em virtude da aliança, ora tácita ora declarada, que mantiveram sem quebra com a ditadura do Estado Novo, salazarista, imposta a um povo indefeso porque esbulhado maquiavêlicamente dos mais simples direitos dos cidadãos. Infelizmente, o exame das realidades prova-nos que foi assim. Mas também é justo reconhecer que os católicos portugueses em geral, à medida que se patenteava, apesar da intensa propaganda interna, a natureza desumana do atual regime, surgiram como força de reação dia a dia maior, e como perigo não principalmente revolucionário, mas talvez, por isso mesmo, não menos inquietante, para o prosseguimento e a segurança da ditadura.

Prosseguindo, o padre Narino de Campos ocupou-se do problema do comportamento dos católicos para



O Comandante Sarmento Pimentel que presidiu ao jantar do 5 de Outubro, no momento em que dava a palavra ao nosso companheiro de redação Dr. Casais Monteiro.

além da queda de Salazar, expondo a sua posição pessoal sobre o assunto, e, ao concluir, disse:

"Contemplando os ideais democráticos que a República nos traz à memória, e esperanças de que melhores dias possam em breve raiar sobre a nossa Pátria, com a ajuda de Deus, julgamos que a equação destes princípios constitui a grata homenagem que nos cantarender, nesta acolhedora e democrática terra brasileira, a quantos lutaram, de 1910 até hoje, para que houvesse em Portugal maior justi-

Ao celebrar-se o 52.º aniversário da Proclamação da República em Portugal, saúdo, com grande efusão e reconhecimento todos os portugueses que, vencendo as maiores contrariedades que se lhe têm anteposto, sabem manter íntegras e inabaláveis as suas convicções republicanas e democráticas, demonstrando, assim, possuir uma fé indestrutível nos destinos da Pátria Portuguesa sob a égide das Instituições que resultaram daquela Proclamação, e, muito especialmente, aqueles que se acolheram a Pátria Irmã que tão generosamente os tem recebido.

Quero saudar, também, e faço-o com vivo entusiasmo e profunda gratidão, todos os brasileiros que têm prestado a esses portugueses a maior e mais nobre assistência, como se de brasileiros se tratasse, com provas de grande estima e admiração.

Que o destino nos reserve a todos um futuro brilhante, são os votos ardentes de um dos poucos portugueses ainda vivo que tomaram parte no Movimento de que resultou a Proclamação da República em Portugal.

Tito Augusto de Moraes
5 de Outubro de 1962

ça, com heroísmo algumas vezes, mas sempre com nobreza de sentimentos, e sem atitudes de repressão, que não deviam nunca existir entre os membros da mesma Família."

MENSAGEM COMOVENTE

Falou, a seguir, de improviso, o sr. Eng. Tito de Moraes. Em breve mas expressiva intervenção, aludiu ao imenso significado do 5 de Outubro como lição para quantos combatem hoje o fascismo de Salazar e, detendo-se na análise das condições em que lutam hoje os democratas portugueses, fez uma vibrante e lucida apologia da unidade, condenando o sectarismo e a cegueira daqueles que pretendem fazer discriminações ideológicas no seio da Oposição, contribuindo com essa atitude inteiramente negativa para prolongar a existência do regime abjeto que há 36 anos detém o poder em Portugal.

Ao terminar, procedeu à leitura de uma mensagem recebida de Portugal. Assinava-a um dos pioneiros heroicos da I República: o almirante Tito de Moraes. O documento, entusiasticamente aplaudido, vem publicado em outro lugar nesta página.

Seguiu-se, no uso da palavra, o sr. Julio Duarte. Depois de expor resumidamente a sua experiência pessoal de trabalhador da construção civil perseguido pelo salazarismo por se recusar a abdicar das suas convicções democráticas, o orador esboçou o quadro dramati-

co em que vive o povo de Portugal. Referindo-se à simbologia da data, enalteceu os dirigentes da I República e terminou fazendo um apelo à unidade de ação de todos os anti-salazaristas, sem discriminações de qualquer espécie.

FALA CASAIS MONTEIRO

Adolfo Casais Monteiro, depois de prestar homenagem à figura de combatente da democracia de João Sarmento Pimentel, iniciou deste modo o seu discurso:

"Eu fui criado, como muitos outros da minha geração, os que nasceram com, ou pouco antes da proclamação da República, no respeito aos homens que fizeram o 5 de Outubro — sem esquecer os que o prepararam. E, se desde muito cedo dei conta de que a República ia mal, a formação do meu espírito defendeu-me de descrever dela, e de esquecer o significado do 5 de Outubro. Não tive pois que me arrepender, como tantos outros, que só depois de serem chamados à realidade pelo chicote e pela mordida da ditadura salazarista acabaram por compreender que o mal da República não era o espírito republicano e democrático — mas tóra a fraqueza perante os traidores que acabaram por a entregar sem defesa nas mãos da mais sinistra facção reacionária.

"Porque, meus senhores — e não é a primeira vez que tenho ocasião de o afirmar — o que vem acontecendo em Portugal desde 1926 repete, nas suas linhas gerais, os acontecimentos de 100 anos antes; desta vez, porém, os miguelistas e a Santa Aliança levaram a melhor, porque todos os países que podiam ter apoiado os liberais de hoje se tornaram, pelas razões que todos conhecem, primeiro em falsos defensores de um liberalismo que não soube impedir o surto do fascismo, e, depois duma guerra combatida de má vontade, em aliados e protetores dos miguelistas de hoje, ou seja, dos fascistas, em linguagem do nosso tempo. O fim da guerra mundial não foi o fim da nossa guerra, porque desde a guerra civil espanhola a nossa condenação tinha sido decretada, e o aliado do fascismo e do nazismo passou a ser o aliado das democracias da NATO, ao mesmo tempo que continuava a sê-lo da Espanha franquista... Realmente, a lição da Guerra Civil espanhola não podia deixar dúvidas senão aos cegos; quem lançou de fato a Península Ibérica nas mãos da mais sinistra reação foram aqueles mesmos que podiam ter impedido Hitler e Mussolini de fazerem da Espanha o campo do treino para a guerra mundial e total contra a democracia.

"As simplificações comodas são boas para os confusionistas, mas a honesta visão das coisas não consente uma voluntária cegueira que nos faria, por amor duma liberdade que não temos em Portugal, concordar em que corremos o perigo de perder a liberdade... dos outros, se a têm. O que temos de saber é porque a perdemos, e que devemos a manutenção da ditadura a esses mesmos campeões duma liberdade que, quando de nós se

trata, não parece preocupá-los, muito pelo contrário. Esta é a lição, para Portugal, para a nossa luta pela liberdade. A nossa fraqueza será esquecer que se trata de libertar o nosso país dos seus opressores, que o nosso problema não é um conflito de grandes potências no qual não temos voz ativa nem intervenção direta, que o nosso problema não é ter que optar entre dois blocos, mas entre a tirania e a liberdade — a nossa não a que nos querem ensinar a soletrar nas cartilhas alheias. Mais do que isso: é, hoje, optar entre a existência de Portugal e o seu desaparecimento do mapa."

Prosseguindo, Adolfo Casais Monteiro, depois de acentuar que a opção que tem sentido para o nosso destino é entre a liberdade da Pátria e a escravização à alta finança internacional, analisou o significado de um artigo do jornalista norte-americano Benjamin Welles inserto no "New York Times", artigo já comentado nas colunas de PORTUGAL DEMOCRATICO e que coloca o problema da eventualidade da intervenção franquista em Portugal.

E concluiu:

Meus senhores: a oposição portuguesa que não tem outra arma além da sua voz. Sem dúvida, esta não é tão fraca como os pessimistas supõem, mas é diplomaticamente enfraquecida por aqueles que, inocentes ou criminosos, se empenham em fazer crer que há duas oposições, uma boazinha, que tem medo ao papão, e outra mássinha, que não acredita em fantasmas. Ora a força da oposição reclamaria um cessar de fileiras contra o confusãoismo, voluntário ou involuntário, dos que querem introduzir o macartismo nas nossas fileiras, e assim fazem o jogo de Salazar e de todos quantos gostariam de ter esse excelente argumento contra a liberdade dos portugueses que não estão dispostos a embarcar nessa sinistra farsa do anti-comunismo, que é apenas o nome sob o qual se oculta a perseguição a todas as forças da esquerda por parte do neo-fascismo, e que serve, precisamente, abusando da credulidade de alguns, de excelente meio para eliminar democratas cristãos ou socialistas, monárquicos ou republicanos liberais, e toda e qualquer espécie de portugueses que têm a dignidade de não conhecer senão a palavra "unidade" como resposta aos falsos democratas.

Meus senhores, estamos aqui reunidos em comemoração dum momento glorioso do passado. Mas não só por causa do passado. É uma outra hora do futuro, e quem sabe se bem próxima, a força maior que nos une e nos dá ânimo. E essa hora exige a nossa unidade contra as manobras divisórias

(Continua na pag. 7)

APELO...

(Continuação da 1.ª pag.)

tante Pereira, estudante; Ferreira da Costa, economista; Alberto Andrade, bancário. Todos eles, depois de passarem pelos vexames e torturas da PIDE, estão ameaçados da aplicação das chamadas "medidas de segurança", eufemismo que na legislação penal portuguesa serve para designar uma pena equivalente à prisão perpétua

Sériamente preocupados com a sorte dessas novas vítimas do fascismo salazarista, os signatários, ao denunciarem o nefando crime em desenvolvimento, apelam para a solidariedade de todas as entidades de classe e associações brasileiras, solicitando-lhes que reclamem junto do presidente do Tribunal Criminal Plenário do Porto a absolvição e soltura dos patriotas portugueses encarcerados."

a) — Humberto Delgado
Ruy Luis Gomes

Notas e comentários

A posição de Alvaro Cunhal

As manifestações de rua verificadas no nosso país a partir de outubro de 1961, primeiro por ocasião das eleições fraudulentas para deputados, depois no Porto, em 31 de janeiro, em Lisboa em 8 de março, 1.º e 8 de maio, a revolta do quartel de Beja, as greves dos estudantes, a luta de 29 de abril em Aljustrel, vêm colocar a luta pela emancipação do povo português num novo plano, o da rebelião aberta, do combate franco contra o regime. Milhares de pessoas enfrentaram nessas manifestações o bárbaro aparelho repressivo do salazarismo, mostrando que chegou a hora de dar-lhe o golpe final. Quais são, porém, as condições para criação do clima pre-insurreccional que o permitirá? Numa recente entrevista concedida à Rádio Portugal Livre, o líder democrático Alvaro Cunhal, com a autoridade que lhe advém do seu passado de luta contra o fascismo e da direção de um movimento que é o primeiro alvo da repressão porque se mantém sempre na primeira linha da batalha, afirma: "Salazar está cada vez mais isolado. Contra Salazar está a maioria esmagadora da Nação. Nunca como hoje o povo português esteve unido na luta contra a ditadura, nunca foi unida elevada a consciência política e a disposição ao combate. O fato do governo, apesar de ter mobilizado todo o seu aparelho repressivo, apesar de ter usado da intimidação e do terror em larga escala não ter sido capaz de impedir as grandes manifestações populares de rua, mostra, por si, que a correlação das forças políticas se modifica rapidamente a favor dos democratas portugueses que estão cada dia mais fortes e que o governo de Salazar se encontra cada dia mais fraco. Esta evolução permite afirmar que estão próximas novas grandes batalhas pela liberdade e entramos num período decisivo de lutas que nos pode conduzir à vitória final."

Esta modificação da correlação das forças políticas será suficiente para acabar com o Estado Novo? O auxílio que Salazar recebe do Exterior em troca da alienação das riquezas nacionais, a falta das liberdades fundamentais e a debilidade da organização das forças oposicionistas explicam que, apesar de tudo, Salazar se mantenha no poder.

Para derrubá-lo a Oposição tem muito que trabalhar e, se os êxitos que assinalamos são exaltantes, a verdade é que eles devem ser apenas o estímulo que nos levará cada vez mais longe. Como assinalou Alvaro Cunhal na referida entrevista apresentam-se à Oposição, no momento atual, três tarefas fundamentais que devem ser cumpridas simultaneamente: "desenvolver um enormíssimo trabalho de organização, ajustar a unidade de ação de todos os democratas e impulsionar com mais decisão ainda as lutas populares de massas."

E prossegue: "Quanto à primeira tarefa, impõe-se que cada e todos os partidos e agrupamentos da oposição reforcem por todo o país a sua própria organização e a organização dos mais variados organismos de unidade. A organização é o motor da luta. O papel de primeiro plano cabe às Juntas de Ação Patriótica, algumas das quais, particularmente de jovens, e trabalhadores, têm tido um papel de relevo na preparação das grandes manifestações de rua. É de desear que esse papel se acentue. Isso exige que se organizem Juntas de Ação Patriótica em todo o país, nas cidades, vilas, aldeias, locais de trabalho, escolas, unidades militares. A organização das forças democráticas não está ainda à altura do espírito combativo das massas populares e do esforço de mobilização requerido pela presente crise do regime. É necessário que o esteja. Quanto à segunda tarefa, ou seja o reforço de unidade de ação de todos os democratas: a unidade dos democratas portugueses é um êxito brilhante da oposição e constitui um dos mais valiosos fatores do desenvolvimento da

luta popular. O sentimento da necessidade da conjugação de esforços de todos contra o inimigo comum, é hoje um sentimento geral de toda a oposição. Mas a unidade de ação é ainda insuficiente. É indispensável que os partidos e agrupamentos da oposição, todos conjugados, façam esforços no sentido da propaganda e da organização para assegurar a cada luta, a cada reclamação, a cada manifestação o mais amplo sucesso. A unidade na ação diária de todas as forças democráticas é uma exigência da situação atual e condição indispensável para o rápido progresso do movimento nacional. Quanto à terceira tarefa, ou seja impulsionar com mais decisão ainda as lutas populares de massas, as grandes batalhas que se têm travado mostram a tremenda força do povo quando luta unido e com decisão."

Analisando, num pronunciamento decisivo, alguns aspectos possíveis da futura política nacional, Alvaro Cunhal fez nessa entrevista afirmações que não deixam dúvidas quanto à decisão do seu Partido de colaborar com todos os anti-salazaristas para a arrancada final e de deixar ao povo português a livre eleição dos seus futuros dirigentes: "Quanto à futura política portuguesa — disse — pensamos que caberá à Nação portuguesa decidida. Instauradas as liberdades democráticas, o povo português poderá organizar-se livremente, defender livremente as suas opiniões, escolher livremente os seus governantes em eleições verdadeiramente livres nas quais possam votar todos os portugueses, independentemente das suas convicções políticas, da sua profissão, da sua instrução e das suas posses". E mais adiante formula estas declarações de forma ainda mais clara e categórica: "Em nome do Partido Comunista Português declaro uma vez mais que o Partido Comunista respeitará a vontade do povo português. O futuro de Portugal deverá ser aquele que o povo português livremente escolher. O Partido Comunista Português defende que após a queda do governo de Salazar, deve tomar conta do poder um governo provisório cuja tarefa fundamental deve ser a liquidação do Estado fascista, a instauração das liberdades e a realização de eleições livres para uma assembleia constituinte que elaborará a nova constituição da República Portuguesa. O Partido Comunista Português está pronto a tomar as suas responsabilidades no governo provisório ao lado das outras forças da oposição e considera que a participação de todas as tendências democráticas no governo provisório é a maior garantia para impedir qualquer nova tentativa de restaurar a ditadura e para conduzir a nossa Pátria pelo caminho da Democracia, da Paz e da Independência Nacional. Pensamos que só através da luta unida contra a ditadura fascista, as forças democráticas e patrióticas podem amanhã concordar numa política comum e trabalhar unidas na construção de um Portugal democrático. Queremos não só a unidade para hoje, como queremos também a unidade para amanhã. Como vê, não existem quaisquer razões para as preocupações a que se refere."

Se todos os setores da Oposição portuguesa raciocinarem desta forma, esquecendo aquilo que os divide para pensarem apenas naquilo que os une, se todos forem capazes de encerrar a luta com este estado de espírito, não duvidamos que o fim do salazarismo se aproxima. A entrevista de Alvaro Cunhal termina, precisamente, por uma mensagem de esperança, que deve animar aqueles que, em todos os pontos do horizonte, na esquerda como na direita, desejam sinceramente que termine a noite que obscurece o nosso país: "O povo português tem razão para estar confiante. As forças da Democracia, da Paz e do Progresso são hoje no mundo mais poderosas que as forças da reação e da guerra. Também em Portugal as forças democráticas se levantam ao mesmo tempo que o regime fascista atravessa dificuldades crescentes. A ditadura de Salazar atravessa a mais grave crise da sua história. Salazar tem de fazer frente, ao mesmo tempo, ao desenvolvimen-

to impetuoso do movimento democrático português e ao desenvolvimento da luta libertadora dos povos das colônias portuguesas. Entre dois fogos não conseguirá sobreviver. Quando hoje o governo intensifica a repressão e os crimes, não dá um sinal de força mas de pânico e de desespero. Se os democratas e patriotas portugueses souberem reforçar a sua unidade e a sua organização e, confiantes no povo, basearem toda a sua ação na ação das massas populares, não vem longe o dia em que varreremos finalmente de Portugal a tirania fascista e reconquistaremos a nossa Pátria. Temos ainda diante de nós duras provas e sacrifícios, mas a vitória está assegurada e ao nosso alcance."

Quem é o Sr. Silva?

O fascismo português nunca encontrou entre os intelectuais emigrados figuras de projeção, dispostas a atrelar-se ao carro do salazarismo. Não pode, porém, confessar o seu total desprestígio junto da "intelligentia" portuguesa espalhada pelo mundo. E vê-se, por isso, forçado, periodicamente, a inventar homens de cultura emigrados que admiram a obra de Salazar. Entretanto, nunca que saibamos, caiu tão profundamente no ridículo como agora, ao pretender transformar em "figura intelectual de primeira plana" um senhor de cujo nome nem sequer tínhamos até há data ouvido citar. Essa última descoberta do Secretariado Nacional de Informação é um senhor chamado Adelino da Silva de Azevedo, residente em S. Paulo, onde, ao que parece leciona filologia na Universidade Católica de São Paulo. Tomamos conhecimento da existência desse ilustre desconhecido através de uma entrevista publicada no "Diário Popular", de Lisboa, (31-7-62), na qual se pretende apresentar o sr. Silva de Azevedo como personalidade eminente, respeitada e admirada nos meios universitários brasileiros. Quanto às declarações que faz, não perderemos tempo a comentá-las, pois sendo o mencionado filólogo um ilustre desconhecido não é nosso intuito dar-lhe a publicidade que parece procurar. Registramos apenas a nossa surpresa diante da audácia com que o jornal do sr. Martinho Nobre de Melo inventa celebridades. O único elemento de referência que na referida entrevista nos oferece o sr. Silva Azevedo é, aliás, de molde a inspirar a mais justificada desconfiança. O único nome que, com efeito, se digna citar em três colunas de declarações é o do sr. Rodrigo Leal Rodrigues a quem tece os mais encomiásticos elogios. Esse nome, sim, é nosso conhecido, embora a pessoa que o use nada tenha de ilustre. Ultimamente veto, não poucas vezes, citado nos jornais como amigo e socio de um grupo de indivíduos que respondem perante a Justiça, acusados de, a mando da PIDE, terem covardemente agredido o deputado Cid Franco, numa cilada preparada com todos os requintes próprios daquela famigerada polícia. Não são, pelo visto, recomendáveis as companhias do desconhecido filólogo Silva de Azevedo...

A «Infeliz Aliança»

O Movimento Anti-Segregacionista, o Conselho para a Liberdade em Portugal e Colônias e o Movimento para a Libertação das Colônias) publicaram no passado mês em Londres, um folheto escrito por Rosalynde Ainslie sob o título bem expressivo de "A Infeliz Aliança: Salazar-Verwoerd-Welensky". O folheto contém uma introdução por Basil Davidson e uma mensagem do Dr. Conor Cruise O'Brien, alto funcionário das N.U. no Congo. A "Infeliz Aliança" dos três governos brancos do sul da África destina-se a obstruir o caminho dos africanos para a auto-determinação, representando nessa medida, como bem nota o documento, um manifesto perigo para a Paz em África e no mundo. A comunidade de interesses económicos prevaletentes não só nos

três territórios — Moçambique, União Sul-Africana e Federação das Rodésias e da Niassalândia — como no Katanga, com muitos dos grandes aproveitadores do trabalho negro na União Sul-Africana, por exemplo, como mostra o folheto, a dominarem ao mesmo tempo Katanga ou as Rodésias, faz ressaltar bem claramente o objetivo comum: a perpetuidade da exploração da maioria dos povos dos respectivos países em benefício dos grandes monopólios internacionais.

Exige-se no folheto o embargo imediato de armas para Salazar e

Verwoerd e o voto da Grã-Bretanha nas N.U. a favor de sanções económicas contra as ditaduras do sul da África, sob pena da Grã-Bretanha ficar solidariamente responsável pelos crimes praticados na União Sul-Africana e "pelos horrores da guerra de Angola" — diz-se no documento.

Entretanto, é a "infeliz aliança" o único escudo internacional da ação colonialista de Salazar, pelo menos o único oferecido ao ditador sem os sofismas a falsa vergonha de outras alianças, quase tão infelizes como a primeira.

M. S.

A Guerra de Angola na Emissora Nacional

PADRE NARINO DE CAMPOS

A propaganda salazarista conserva, de há meses a esta parte, dois programas de rádio — "Cronica de Angola" e "A verdade é só uma" — além de outros, que são, a não ser ver, para todo o espírito bem formado e livre de preconceitos duas das provas mais eviçentes do descalabro moral e intelectual a que a ditadura reduziu o país e, ao mesmo tempo, do clima de insegurança (que esses programas demonstram haver-se tornado consciente no ânimo das autoridades) em que está agora chegando ao fim, sem a menor dúvida, a última fase do Estado Novo.

Há apenas uma dolorosa e triste conclusão: é que, para quantos não estejam prevenidos de maneira a distinguirem Portugal dos erros da ideologia política lá dominante, ou talvez mais propriamente de alguns pontos, os dois mencionados programas constituem uma ofensa impudável ao bom senso e à verdadeira cultura da nação portuguesa — dado o ridículo da argumentação e do tom de voz em que os mesmos se nos apresentam. Com esta ressalva, poucos meios seriam tão eficazes para o descrédito do salazarismo como nos parece ser a manutenção daqueles programas; no entanto, a "Cronica de Angola" é irradiada para o Brasil quase sempre por via, em ondas curtas, numa demonstração flagrante da tacanhez de espírito dos defensores do atual regime. Na qualidade de português, teríamos certo pudor em recomendar a estrangeiros, ainda que ora-siemos, a audácia da referida cronica, porém aos compatriotas aqui residentes não hesitamos sequer um instante em recomendá-la com toda a nossa sinceridade de anti-salazarista.

Em abono do que dizemos, vamos dar aos leitores, como exemplo, um resumo da "Cronica de Angola" de 17 e 18 do mês de setembro.

No dia 17, prevendo que a Assembleia Geral da ONU mais uma vez lançaria a condenação do que resta em África do colonialismo, o autor da cronica, no tempo máximo de uns sete minutos, produziu um vibrante e antecipado protesto do qual conseguimos apontar os seguintes termos, pela ordem porque foram usados: "...sórdida... traidores... máscaras... apateitados... renegados... aviltantes... dois dedos de entendimento... baixo espírito... indignação... custe o que custar e doa a quem doer... anomalias do carácter... aberrações da inteligência... malabarismos tão grosselros... (os nossos irmãos da metrópole) abram os olhos... o milagre há-de operar-se."

Salta aos olhos que uma pessoa que escreve, sobre o assunto em questão, e antes de iniciada a polémica, semelhante diatribe não podia estar com a verdade.

No dia 18, voltava o "cronista", ameaçador, contra os que ele denominava "caixeiros viajantes" que em Angola estão fazendo a propaganda de "certas formas de entreguismo", todos com aparência de "um sujeito mais ou menos descarado e bem vestido" que "procura levar a água ao seu moinho", mas que sempre "recebem a resposta que merecem". E para que ninguém julgasse que esses brancos anti-colonialistas de Angola seriam uns sujeitos ou uma minoria sem importância, desabafava o autor do programa: "Estamos fartos desses caixeiros viajantes!"

Assim, nós compreendemos o pavor de que o mesmo deu, logo a seguir, mostras de estar possuído, quando, citando um artigo do jor-

nal A Província de Angola, de Luanda, advogava que, embora acreditasse no exército, era urgente cuidar de uma melhor preparação para a defesa civil. O exército, segundo ele, poderia mudar de rumo em mudando o governo, ao passo que a defesa civil do território constituiria, em sua opinião, uma força inamovível perante a política. "Admitirmos as piores circunstâncias — conciuia — e prepararmos-nos para enfrentá-las é uma medida de prudência." Ficamos, pois, sabendo, por denuncia publica de um dos mais loquazes e ferrenhos propagandistas do salazarismo em Angola, que a pretendida segurança ali remane e de tal modo precária, e que são tão arduos e categorizados os adversários da política e da administração impostas pelo ditador, que já nem a presença de um exército regular metropolitano fortemente armado é garantia suficiente de tranquilidade em relação ao futuro. Confessamos que todas as notícias que temos recebido de origem anti-salazarista perdem, de muitos pontos, diante desta tão insuspeita como preciosa informação. E, assim, nos compreendemos também que a furibunda cronica do dia 17 não encontrasse outra maneira de vencer as graves dificuldades que se acastelam no horizonte senão clamar pelo impossível: "o milagre há-de operar-se!"

Escrevemos: o impossível, porque não carece de provas que Deus não faz nem pode fazer milagres para assegurar, ou simplesmente favorecer, situações ilícitas. Por isso intimamente sentimos uma forte repulsa na hora em que a Emissora Nacional de Lisboa noticiou, em 20 de setembro, que o diretor de um jornal de Nova Friburgo (Estado do Rio) entregara, nesse dia, a Salazar, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, em comemoração — explicara a Emissora, dias antes — da vitória das armas portuguesas sobre os terroristas angolanos! Haverá algum católico digno deste nome que não sinta a mesma indignação e o mesmo horror ante a vaidade e o interesse dos que não hesitam colocar a própria Religião, por sinal no que encerra de mais doce e imaculado, a serviço da tirania?

De resto, não somos nós que afirmamos que não existe vitória em Angola, coisa que se desprende ao contrario, de várias e inequívocas informações: o que referimos de "Cronica de Angola": a necessidade da permanência de muitos milhares de soldados portugueses na colônia — o que equivale a dizer que o inimigo pode ter sido obrigado a recuar, mas não foi aniquilado, e a qualquer momento reaparecerá; a declaração constantemente repetida de que "estamos em guerra", feita pelos porta-vozes do governo português a fim de legitimarem os sacrifícios impostos ao povo, etc.

Infelizmente a guerra não terminou, fato, aliás, todos os dias confirmado pela Emissora Nacional de Lisboa. E este, sim, é o milagre que esperamos de Deus: que a paz seja em breve restaurada em Angola com o triunfo completo da verdade e da justiça.

DEGRADAÇÃO DA SITUAÇÃO ECONOMICA PORTUGUESA

Por absoluta falta de espaço não nos é possível publicar neste número a continuação do artigo "Degradação da Situação Económica Portuguesa" do economista RAMOS DA COSTA.

EM CURITIBA

Grande jornada anti-salazarista

Em Curitiba, a Comissão de Anistia dos presos e exilados políticos portugueses levou a efeito, nos primeiros dias de outubro, uma grande jornada de denúncia dos crimes do salazarismo e de solidariedade ao povo português.

A fim de participarem dessa jornada, deslocaram-se à Capital do Paraná os nossos companheiros Manuel Sertório e Alexandre Pereira que, na companhia do nosso amigo Antonio Ferrer, da Comissão de Curitiba, procederam a numerosas visitas e contatos com o objetivo, amplamente alcançado, da obtenção de apoio moral e material para a realização da próxima Conferência de Anistia da Europa Ocidental.

O ato mais importante foi a palestra proferida pelo Dr. Manuel Sertório na Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, na noite do dia 3, perante o congresso constituinte da União Paranaense de Estudantes e numerosa assistência.

A saudação ao Dr. Sertório foi feita por Luís Arpel Driese. Faziam parte da mesa, além do conferencista, Julio Cesar Giovanetti, presidente da UPE, secretariado por Francisco de Oliveira Filho.

Da tribuna, Manuel Sertório fez uma exposição pormenorizada da engrenagem de repressão salazarista, das leis de exceção e do funcionamento dos tribunais plenários e procedeu à demonstração de como as chamadas medidas de segurança correspondem, na prática, à prisão perpétua para os patriotas encarcerados pela PIDE, pois as medidas são prorrogáveis sucessiva e indefinidamente de três em três anos, por simples informação da polícia de Salazar.

No fim da palestra, estabeleceu-se um cordial debate entre o palestrante e muitos dos presentes, que serviu para um melhor esclarecimento sobre a política fascista do governo de Salazar em diversos setores da vida portuguesa.

Fizeram intervenções os universitários Paulo Ricardo dos Santos, Ivan Rui, Alceu Bertolim e Vitorino Dantas.

É de salientar que o Consul de Salazar em Curitiba, Joaquim Ferreira Gomes, desenvolveu todos os esforços possíveis para que se não eretivasse o convite dirigido ao nosso companheiro no sentido da realização da sua palestra ou para que, ao menos, esta não tivesse lugar na Assembleia Legislativa. Mas o único resultado desta ingloria tentativa foi, precisamente, a sua pública denúncia e pronto repúdio.

No dia 4, o Dr. Manuel Sertório compareceu, como convidado, a um programa de televisão, onde respondeu a varias perguntas sobre a repressão em Portugal e a próxima realização da Conferência de Anistia em Paris, tendo estabelecido o paralelo entre o completo sufocamento de todas as liberdades públicas no Portugal de Salazar em que jamais se realizou uma autêntica eleição livre, e o que se passa no Brasil, em que o povo iria em 7 de Outubro, como já sucedeu, renovar livremente, pelo voto, numerosos seus representantes.

Finalmente, teve lugar uma conferência com jornalistas, a que deu ampla cobertura toda a grande imprensa do Paraná: "Ultima Hora", "O Estado do Paraná", "Gazeta do Povo", "Correio do Paraná", etc.

Neste contato com a imprensa, depois de expor, mais vez, o clima de repressão existente em Portugal e de mostrar a importância de que se reveste para o povo portu-

guês em luta a realização da Conferência de Paris, Manuel Sertório afirmou a sua convicção no próximo derrubamento do salazarismo, acudado no interior pelas forças da Oposição, e no Exterior, pela iminência de novos conflitos coloniais, declarando que, do estrangeiro, um grande auxilio poderá ser prestado à nossa luta, se continuarmos a contar com a solidariedade da opinião pública dos diversos países, nomeadamente dos seus sindicatos e das suas associações académicas.

Existe, todavia — acrescentou — solidariedade e solidariedade. Uma passiva, que é aquela que deixa o caminho aberto ao fascismo, como sucedeu durante a guerra civil de Espanha através da política da não intervenção das potências ocidentais. Outra, ativa, que é aquela que se traduz em ações concretas, coadjuvando a luta pela libertação nacional de todos os povos humilhados e ofendidos nos seus direitos, sendo esta a solidariedade que os democratas portugueses esperam continuar a receber, em escala cada vez maior, dos brasileiros que, sem distinção de credos, amam a paz e a fraternidade entre os povos.

Assim se encerrou mais uma jornada, em solo brasileiro, de solidariedade ao povo português que, além do mais comprovaria, se isso fosse ainda necessário, a geral repulsa do salazarismo por parte de todo o povo do Brasil.

SALAZAR ACUADO

De dia para dia são mais fortes e em maior numero as forças que se opõem ao colonialismo salazarista.

FRENTE UNIDA ANGOLANA (FUA) é uma organização política multi-racial que dá corpo, em Angola, especialmente no que se refere à população branca de Benguela e de Nova Lisboa, aos anseios desta por um auto-governo, embora mantendo certos laços com Portugal durante um período de transição para a independência, e nesse sentido enviou recentemente uma petição à ONU.

Alguns dos dirigentes da FUA estão atualmente em Paris, como o Dr. Sócrates Daskalos (último vice-reitor do liceu de Benguela) e muitos dos seus simpatizantes foram transferidos para Portugal, com **RESIDENCIA FIXADA**.

O governador-geral de Moçambique, Sarmiento Rodrigues, conquanto não tenha sido ainda demitido compulsoriamente, como sucedeu há pouco ao seu colega de Angola, não foi convidado para as recentes conversações de Lisboa com o ministro dos Transportes da União Sul-Africana, para revisão da Convenção de Moçambique (vd. nosso ultimo n.º).

Outra conferência deverá ter sido aberta em Lisboa, em 15 de Outubro, entre representantes dos governos e das Assembleias Legislativas de cada colonia e o Governo central, em que muitas discordâncias que lavram mais ou menos surdamente entre os salazaristas deverão ter tido oportunidade de mais frontalmente se manifestarem.

«O Imigrante Democrático»

Recebemos o n.º 13 de "O Imigrante Democrático", órgão da Junta Patriótica Portuguesa, de Caracas. Com excelente aspecto gráfico, é o presente numero inteiramente dedicado ao problema da Anistia, inserindo importantes documentos e estatísticas relativos à ferocidade da repressão policial do fascismo português. Prestando essa valiosa colaboração à campanha que se desenvolve em todo o mundo pela Anistia dos presos políticos portugueses, quis "O Imigrante Democrático" associar-se de modo direto às manifestações que culminarão com a realização da Conferência de Paris, patrocinada pelas figuras mais eminentes da intelectualidade europeia.

A GUERRA EM ANGOLA

A cadeia nacional de "Ultima Hora", publicou no mês findo, durante dez dias, — numa reportagem que emocionou o Brasil —, algumas das principais páginas do diário de guerra de um oficial médico português, o alferes Moutinho Pádua, que pertenceu às forças militares a quem coube a missão de reprimir, à ordem do governo fascista de Salazar, a insurreição das populações do norte de Angola. O depoimento desse oficial, que se encontra hoje asilado em Leopoldville, constitui o mais impressionante e importante documento até hoje vindo a público sobre os monstruosos crimes praticados em Angola pelas autoridades militares e civis que ali representam o ditador fascista e a oligarquia que o apoia. "Portugal Democrático", que promoverá, brevemente, a edição em livro do Diário de Guerra do Alferes Pádua, não se dispensará, entretanto, de publicar no seu proximo numero um dos capitulos mais expressivos da obra, a fim de chamar para ela a atenção de todos os seus leitores espalhados pelo mundo.

O ultimo livro de Alvaro Lins

VITOR DA CUNHA REGO

A política torna-se sempre um ajuste de contas de caráter pessoal quando nasceu pecaminosa num determinado estágio da vida nacional ou quando as classes dirigentes são conservadoras e, portanto, mantêm a sociedade aperreada. Sem um movimento revolucionario, sem a projeção no sentido do que poderíamos chamar, para usar uma expressão comoda, progressismo, a política cai no ajuste de contas do "milieu", arrastando consigo todos os setores da vida nacional que a ela se encontrem ligados. A literatura, hoje tão alistada, tão "engajada", não foge a esse destino, e daí o aparente paradoxo de ser nos períodos calmos da vigência dum regime conservador que maior dose de "liberdade" existe na troca de ideias e no jogo das paixões expressas nos livros e nos jornais. Estamos pensando, por exemplo, na América Latina, anterior à revolução cubana.

Numa viagem pela Europa realizada em 1961 ouvimos de alguns intelectuais altamente politizados a afirmativa de que a a revolução cubana, radicalizando o panorama latino-americano, tinha vindo tornar possível a Unidade das forças conservadoras hemisféricas cristalizando o seu anti-comunismo e, dessa forma, atrasando o processo revolucionário global do continente. Não é essa a nossa opinião, nem nos interessa discutir agora esse problema. O caso vem, apenas, a talho de foice para uma análise da personalidade política e intelectual dessa curiosíssima e importante figura brasileira que é a de Alvaro Lins.

Recordamo-nos do dia em que Amândio César, redator fascista dum jornal português, se dirigiu à Ilha da Madeira a fim de lá esperar o "Vera Cruz" e nele entrevistar o novo embaixador do Brasil em Lisboa. Para nós, "jornalistas mirins" e produtos duma pequena burguesia que, muito embora radicalizada no anti-fascismo, não conseguia, como não consegue, ter filosofia própria, agravando-se essa circunstância pelo obscurantismo duma Censura medieval, a viagem do reporter "fascista" era o único ponto de referência junto dum embaixador cuja obra literária comentávamos... sem nunca a "vermos lido. Desastre que sucede a todos quantos, de fato, atingem a "glória contemporânea".

Três anos decorridos sobre a sua viagem diplomática a Lisboa, conhecemos Alvaro Lins em S. Paulo, depois de termos já entrado em contato com a sua obra. No que nos diz respeito, após a leitura de algumas obras do escritor, e sobretudo, do crítico Alvaro Lins, a sua personalidade de intelectual e político surgiu-nos com clareza meridiana: um homem em busca in cessante de soluções para os problemas duma realidade exterior que o intelectual e político observava e respeitava dentro da mais pura conceituação democrática, aquela que é, para além de tudo dinâmica.

O momentoso e célebre caso do asilo concedido ao general Delgado e que acabou por levar Alvaro Lins à demissão do seu cargo e à rejeição dos compromissos espúrios, era a consequência inevitável da formação do homem. Tornar esse efeito duma formação na causa de ulterior atitude, só poderá ser concebido por mentalidade débil ou por política de Maquiavel

barato. E a prova insofismavel da majestade do comportamento do embaixador em Lisboa, está aí, pe neirada e alisada pelo tempo, na mesa de todos os exilados políticos portugueses. Alvaro Lins, posto em face da questão portuguesa e em fase da questão brasileira surge-nos a cada dia que passa como o intelectual desmistificado, o político atuante, o homem para o qual a Ordem só é admissível quando subordinada à Liberdade.

E isto quando? Num momento de calma por entre o domínio das classes conservadoras? Num instante de ócio burguês em que o censor olha benevolentemente a guinada mais brusca no sentido duma remota revolução? Numa ocasião de mescla de caracteres e ideologias? Não! Isto num instante crucial para a América Latina e para o Brasil: depois de Cuba — já no tempo do toque de prontidão de todos aqueles que não querem algo diferente do que possuem hoje.

Eis como nos surge, agora, neste ocaso dum ano dramático para os povos latinos, o intelectual Alvaro Lins: ciente de que a vitória irreversível está ainda muito longe de ser alcançada mas conscio de que a inteligência, para citarmos palavras suas, têm como função a Liberdade, a dialética, a oposição e a revolução.

Surgiu-nos irreprimível desejo de escrever este alinhavo de comentário, ao terminarmos a leitura do mais recente livro de Alvaro Lins intitulado "A glória de Cesar e o punhal de Brutus", páginas que já conhecíamos por termos tido a felicidade de encontrar alguém em Recife possuidor do esgotado **Jornal de Crítica**, documento de primordial importância para quem se interesse pela personalidade do autor. Escolhemos o **PORTUGAL DEMOCRATICO** porque se nos afigura cada vez mais necessário o conhecimento exato duma personalidade tão importante do mundo brasileiro e português, como é a de Alvaro Lins. É que para nós, Alvaro Lins, é um político português cujo papel a desempenhar num futuro próximo nos parece fadado ao mais alto relevo e às funções mais delicadas. Temos nós, portugueses, em relação a s. exa., o que nem sempre tivemos nem temos em relação a outros políticos portugueses, estes nados e criados no solo pátrio: a vantagem de o conhecermos. Este seu livro "A glória de Cesar e o punhal de Brutus" deve ser lido por todos os portugueses anti-fascistas para que cristalize de forma inapagavel a certeza de que Alvaro Lins, o embaixador Alvaro Lins, é um daqueles casos de democratas extraordinários que uma outra nação, além daquela que é juridicamente sua, pode e deve, a bem do seu futuro, integrar definitiva e majestaticamente na sua vida. A magna qualidade de brasileiro ilustre não nos deve assustar. Portugal, no momento em que, na sua plena magnitude, necessitar dos serviços de Alvaro Lins, também estará em condições de servi-lo, como potência independente e volta-da para o progresso. E terá a honra de ter conquistado ao Brasil um intelectual que outras nações maiores e mais ricas não teriam conseguido aliar.

Permitam-nos a frase: Alvaro Lins é nosso.

sub desen volvi mento e revolução

uma obra de cultura

Com este título, o nosso companheiro de redação Paulo de Castro publicou recentemente um novo livro, que aconselhamos vivamente aos nossos leitores.

Possuidor de uma grande e bem atualizada cultura política, Paulo de Castro ocupa-se especialmente, nos oito estudos desta sua obra, das perspectivas da revolução nos países subdesenvolvidos. A tese do autor é, precisamente, a de que "o sistema capitalista nos países desenvolvidos conseguiu adiar a revolução, transferindo-a, não por decisão premeditada mas pelo jogo das suas contradições, para os países subdesenvolvidos".

A par de estudos sobre a América do Norte, a Alemanha e a Iugoslávia, Paulo de Castro examina atentamente a Revolução Cubana, o fenómeno do Pan-Americanismo, o Nacionalismo Indiano e o Bonapartismo de Nasser.

Edição da Editora Fundo de Cultura. Pedidos ao nosso jornal — (Preço: Cr\$ 500,00).

Adiamento da Conferência de Paris

Reunidos recentemente em Paris, os representantes dos Comitês Nacionais de Inglaterra, Bélgica, Itália e da França traçaram o plano da sua ação em relação à Conferência dos Países da Europa Ocidental para a Anistia aos Presos e Exilados Políticos Portugueses.

A repressão em Portugal não deixa de se agravar, particularmente desde 1961. Todos os setores sem exceção são atingidos pelo arbítrio de uma cega repressão. As prisões em massa entre os agrupamentos estudantis durante os últimos meses e, ultimamente ainda, nas cidades universitárias de Coimbra e Lisboa; a prisão de escritores acusados de reivindicarem as liberdades democráticas; a repressão brutal que caiu sobre os operários agrícolas após a sua greve reivindicativa, assim como, de uma forma permanente sobre as forças oposicionistas (recente prisão de quadros políticos em Lisboa e principalmente de responsáveis do Partido Comunista Português), são tudo fatos, mesmo sendo alguns, que testemunham a violência de uma repressão policial que põe em perigo vidas humanas ou obrigam numerosos cidadãos portugueses a um doloroso exílio.

Nestas condições, o Secretariado Internacional dirige um apelo a todos os homens de boa vontade, a todas as organizações sindicais, culturais, políticas, religiosas, para que levem a opinião pública a protestar contra o sistema repressivo do governo português e para que apoiem, sem reservas, a campanha para a Anistia total em Portugal.

A Conferência dos Países da Europa Ocidental devia realizar-se em Paris a 3 e 4 de Novembro de 1962. Tendo em conta a realização, em França, de importantes consultas eleitorais, e desejando assegurar para a Conferência a maior ressonância na opinião pública e na imprensa da Europa Ocidental, o SECRETARIADO INTERNACIONAL, decide fixar a realização da Conferência para a Anistia nos dias 15 e 16 de Dezembro de 1962 em Paris.

Paris, 18 de outubro de 1962

Novo golpe policial

No princípio do 1.º trimestre deste ano, foram aprisionados pela PIDE numerosos democratas portugueses do Porto e de outras localidades do norte do nosso país.

Uma nova farsa judiciária está agora a ser preparada, com o envio ao plenário do Porto do processo instaurado pela polícia.

Entre os réus contam-se, desta vez, destacados e corajosos patriotas: D. Virgínia Moura (engenheira), Lobão Vital (arquitecto), Dr. Victor de Sá (editor, de Braga), Dr. Fernando Ferreira da Costa (dirigente cooperativista), Dr. Guedes Pinheiro (médico), José Gonçalves Soares Dias (operário), Coelho de Magalhães (arquitecto), Jorge Constante Pereira (estudante), Dr. Ribeiro da Silva (advogado, de Viana do Castelo), Alberto Andrade (bancário), João Ferreira Júnior (comerciante), Joaquim Felgueiras (industrial) e Francisco Cordeiro, Fernando Seixas e Luís Ferreira Alves (estudantes).

A acusação, que já foi deduzida e consiste, como normalmente sucede, na reprodução textual e servil, pelo representante do Ministério Público, do relatório do inspector da PIDE que tomou a seu cargo os presos incrimina os nossos companheiros pelas seguintes "malditozas":

- 1.ª — serem autores de parte dos panfletos que inspiraram os motins que se verificaram no Porto de 31 de Janeiro a 8 de Março;
- 2.ª — criarem, assim, "uma atmosfera de falta de respeito pelo Poder constituído" (sic);
- 3.ª — terem formado a Junta de Ação Patriótica do Porto e a Junta de Ação Patriótica da Juventude do Porto.

No fundo, como sempre, uma única acusação: a de desejarem o estabelecimento da Democracia em Portugal.

O que é grave, porém, é que a acusação policial veiculada ao tribunal fascista prevê para todos os réus penas de prisão maior celular, de 2 a 8 anos para parte deles e de 4 a 12 anos para os restantes, considerados promotores e dirigentes. Além disso, todos estes patriotas estão ameaçados, na acusação, pela aplicação das chamadas medidas de segurança que consistem, como se sabe, no prolongamento da primeira pena de prisão, logo que for cumprida, por novos períodos de detenção no mesmo cárcere, cada um com a duração de 6 meses a 3 anos, sucessiva e indefinidamente prorrogáveis por simples informação da PIDE.

A fim de evitarmos a prisão perpétua destes democratas portugueses, cujo julgamento começará em 29 de Outubro, apelamos para todos os nossos amigos brasileiros e de outras nacionalidades no sentido de dirigirem representações aos diversos embaixadores e consules portugueses e ao contra-almirante A. Tomaz (Palácio de Belém — Lisboa), nomeado presidente da República pelo ditador Salazar, reclamando tratamento humano para os presos e a sua absolvição pelo plenário do Porto.

Conferência dos Países da Europa Ocidental Para a Anistia aos Presos e Exilados Políticos de Portugal

15 e 16 de DEZEMBRO de 1962



Cartaz de Clovis Graciano para a Conferência da Anistia.

BOLETIM N.º 16 — NOVEMBRO DE 1962

Para 15 e 16 de Dezembro

CORTE E SOBREPONHA

A Comissão Coordenadora envia apelo ao Presidente da República

A Comissão Coordenadora para a Anistia aos Presos e Exilados Políticos de Espanha e Portugal enviou no passado dia 10 de Outubro a seguinte carta ao Sr. Presidente do Brasil, Dr. João Belchior Marques Goulart:

Excelência:

A constante violação dos direitos do Homem em Portugal e Espanha atenta contra a dignidade de todos os seres humanos, seja qual for o país a que pertençam e a parte da terra em que se encontrem. O apelo veemente dos presos políticos e das suas famílias são um brado de sofrimento destinado a despertar, como tem sucedido, a solidariedade dos homens e mulheres de todos os continentes e credos filosóficos ou políticos.

Não podem os governos deixar de refletir, na esfera da sua actuação, os anseios das suas populações e a nação brasileira mostrou-se já, com suficiente clareza, solidária com o sofrimento dos presos políticos da Espanha e Portugal. Do governo brasileiro têm, pois, a esperar, os presos e exilados políticos ibéricos, igual solidariedade humana.

Como?

Tomando o Brasil, especialmente quando o seu Presidente é um democrata da tempera de João Goulart, a iniciativa de levantar na Organização das Nações Unidas o problema da violação dos direitos humanos pelos governos fascistas da Península Ibérica. De todos os países do mundo, talvez nenhum tenha maior obrigação moral de levantar internacionalmente este problema, como o Brasil tem: trata-se da extraordinária repercussão que na nação brasileira despertou e desperta a campanha mundial pela anistia dos presos políticos de Portugal e Espanha. E nenhum país tem um direito tão incontroverso a fazê-lo, como tem o Brasil: trata-se da comunidade de sangue, de cultura e de sentimentos que irrefragavelmente une o povo português ao povo brasileiro, para lá das falsas comunicações oficiais que Salazar pretendeu forjar como processo de enfeudar a diplomacia brasileira à sua própria.

Solicitamos, por isso, a Vossa Excelência que se digne determinar as necessárias providências junto da missão diplomática brasileira na ONU no sentido de ali pleitear a inclusão, na ordem de trabalhos da sessão que ora se iniciou da presente Assembleia Geral das Nações Unidas, do problema da violação dos direitos do Homem em Portugal e em Espanha.

Ao dirigirmos a Vossa Excelência este apelo, na sequência de outro anterior no mesmo sentido, esperamos que o mesmo será acolhido com

o indelével espírito de democrata e de amigo dos povos ibéricos de que o Presidente do Brasil tem dado constantes e corajosas provas ao longo de toda a sua vida política.

PELA COMISSÃO COORDENADORA

Dr. Sérgio Milliet — Presidente
Dra. Dolores Mello Vassão — Secretária-Geral

PELO CONSELHO IBERO-AMERICANO

Desembargador Edgar Moura Bittencourt — representante do Brasil
Deputado Germinal Feijó — representante do Brasil

Comité Britânico

O Comité Britânico para a Anistia publicou em outubro um novo folheto dedicado à Conferência de Paris. Essa publicação, além de incluir os nomes das últimas personalidades que aderiram ao grande conclave dos Países da Europa Ocidental para a Anistia dos Presos e Exilados Políticos Portugueses, insere o texto de um apelo que corre mundo a favor dos presos encarcerados no presidio de Caxias.

Na impossibilidade de publicarmos os milhares de assinaturas de adesão à Conferência, das mais diversas categorias profissionais, já coletadas pelo Comité, transcrevemos algumas de reconhecida projeção internacional: LORD BOYD ORR — BISPO DE WOOLWICH — JUDITH HART, M. P. — J. LEE, M. P. — K. ZILLIACUS, M. P. — CANON COLLINS — SIR JULIAN HUXLEY F.R.S. — BASIL DAVIDSON: LORD ARCHIBALD — BISPO DE BIRMINGHAM — BISPO DE SOUTHWARK.

Judith Hart

Por lapso, em nossa edição de Agosto, veio referida a presença da sra. Helen Ward, secretária do Comité Britânico para a Anistia, entre as personalidades estrangeiras que assistiram, na qualidade de observadoras, ao julgamento do dr. Arlindo Vicente. Quem, na realidade esteve presente, a pedido daquele Comité, foi um membro do Parlamento Britânico, a sra. Judith Hart, deputada pelo Partido Trabalhista, fator esse que muito contribuiu para a libertação do Dr. Arlindo Vicente.

Adiada a Conferência

Personalidades brasileiras aderem à Conferência

PAULO CAVALCANTI, Presidente da UBE; VALDEMAR GOMES, Livreiro; MERVAL JURMA, Prof. Universitário; CESÁRIO DE MELO, Advogado; NEWTON FARIA, Jornalista; HILTON RIOS, Advogado; JOSE LOURENÇO, Prof. Universitário; MANUEL CORREIA, Prof. Universitário; ROBERTO F. GUIMARÃES, Estudante; GUMERCINDO C. DE VASCONCELOS, Presid. da Federação Nacional de Jornalistas Profissionais; EDIVAL FREITAS, Jornalista; ANTONIO A. BARRETO, Jornalista; MILTON DA GRAÇA, Jornalista; JOSE GUIMARÃES SOBRINHO, Advogado; WANDRAGÉZIL NEVES, Jornalista; EDSON RÉGIS, Jornalista; CARLOS M. Pinto, Rep. Comercial; IRINEU DE MORAIS, Electricista; ANTONIO PANCHAL DIOM, Campones; ANTONIO MASONETTO, Campones; PEDRO AUGUSTO DE AZEV, Marques, Médico; ANTONIO RODRIGUES, Portuário; LUIZ PAULO GRECO, Médico; F. ACYR B. GIRÃO, Médico; ALFREDO PEREIRA, Cooperativa do Rio Grande do Sul; ROBERTO GONÇALVES DE SOUZA, Soc. Amigos de V. Marieta; ED PERRIOTS, Advogado; JOÃO LOUZADA, Sind. Trabalhadores da Construção Civil de São Paulo; SALVADOR RODRIGUES, Sind. Marceneiros de S. Paulo; JOÃO POSSO PRADO, Representante dos Trabalhadores do Açúcar e Café; IAIMÉ BLANCO, Sapateiro; JOSE ALVES PERNEIRA, deleg. da UEEP (Paraná) no Congresso da UNE; AGUIALDO SILVA, Escritor; OTÁVIO FINE, Jornalista; SAMUEL KRAMER, Jornalista; JEFFERSON FERREIRA DA SILVA, Escritor; VAMIREH CHACOV, Prof. Universitário; REINALDO CAMARA, Presidente da Associação de Imprensa de Pernambuco; ALUIZIO FALCÃO, Jornalista; LUIZ GONZAGA ALCOVERDE, Presidente do Sindicato dos Jornalistas do Recife; JORGE B. CARNEIRO DA CUNHA, Advogado; AMILCAR NEVES, Jornalista; SALVADOR ROMANO LOSSACO, Dep. Federal; DIOGO RUIZ, Sindicato Trabalhadores de Laticínios do S. Paulo; GERALDO R. SANTOS, Dirigente Sindical; RUBENS HOFFMAN, Carnes e Derivados, S. Paulo; JERÓNIMO MACOLIM, Carnes e Derivados, S. Paulo; JOSE DA SILVA, Sind. Trab. da Ind. de Instrumentos Musicais e Relojoiros; GERSEANOS DE AGUIAR, Idem; DÓCIO BUENO DE OLIVEIRA, Idem; WELSON NAIL, Frente de Libertação Nacional; PEDRO D. OLIVEIRA, Sind. Artefactos de Carne de S. Paulo; JORGE FIDELINO FIGUEIREDO, Engenheiro Civil; OSWALDO M. ANTONIO, Professor; JOSE AMILCAR MATTEI, Presid. do Grémio Euclides da Cunha; GABRIEL DE FARIA FERAZ, Estudante Secundário; JORGE FIDELINO G. DE FIGUEIREDO, Delegado do GEC na União dos Estudantes Secundários.

ARLETTE DE FIGUEIREDO, estudante — JOSE VASCONCELOS DE CASTRO, químico — ANTONIO G. DA SILVA, engenheiro — GIO-

VANNA TAVARES DE SALLES, Secretária da Escola Politécnica do Recife — ISRAEL BATISTA DE ALMEIDA, Electricista-operador — LINDOMAR PEREIRA ARAUJO, Arquivista da Universidade da Paraíba — ANTONIO MORATO, químico — JUDITH G. SANTOS, Bibliotecária da Escola Politécnica da Universidade da Paraíba — CATARINA VILAR, Professora — A. ASSIS DE ALMEIDA, Deputado — ETIVALDO CELESTINO, Professor — GLAUCO BENVOLVO, engenheiro — ANTONIO ILDEFONSO A. MELO, Engenheiro — FERNANDO CUNHA LIMA, Industrial — RONALDO CUNHA MOREIRA REIS, engenheiro — MARIO CARNEIRO DA COSTA, engenheiro — TALMA B. DE BENVOLVO, engenheiro — ELIETE MONTENEGRO, Secretária — EUDESIA ROCHA, Inspetora — ZÉLIA DE ANDRADE, Inspetora — TEODOMIRO BRASILEIRO DE SOUZA, Inspetor — MICENO PATRICIO DA SILVA, Comerciante — JOSÉ P. DOS SANTOS, Operário, sapateiro — ANTONIO CIPRIANO DE SOUZA, Comerciante — FELICIANO ALEXANDRE, Comerciante — FERNANDO SOUZA DO O, Bancário — EDEMAR AZEVEDO, Motorista — MARCO ANTONIO MAYER, Estudante de engenharia — IVAN JORGE DE OLIVEIRA NETTO, estudante de engenharia — ANTONIO MORENO, JOÃO GUERRA SULLA, ANTONIO HOFFMAN, MAURICIO FERREIRA CAMPOS, PEDRO DA SILVA, ANTONIO MENDES, FRANCISCO FERREIRA DE JESUS (Gráficos).

Adesões do Paraná

Contem de estudantes e trabalhadores de Curitiba subscreveram o seguinte documento: Tomando conhecimento da repressão policial de tipo fascista existente em Portugal, de que são primeiras vítimas as classes trabalhadoras e os estudantes, emprestamos toda a nossa solidariedade aos patriotas portugueses de todos os credos partidários que se encontram aprisionados, perseguidos, exilados ou ameaçados, e protestamos veementemente contra as sistemáticas violações dos direitos humanos pelo governo de Salazar, nomeadamente ao ordenar a condenação a prisão perpétua de democratas portugueses, mediante artifício das chamadas "medidas de segurança". Tendo, também, tomado conhecimento da próxima realização em Paris da Conferência da Europa Ocidental pro-anistia aos presos e exilados políticos portugueses solidarizamos-nos inteira e incondicionalmente com os propósitos dessa assembleia.

Viva a Democracia Portuguesa em Marcha! Viva a amizade e cooperação entre os povos de Portugal e do Brasil! Curitiba (Paraná), 3 de Outubro de 1962.

O Estado do Rio adere à Conferência de Paris

Tal como vem acontecendo por todo o Brasil, está encontrando o maior eco no seio do povo fluminense a luta que os patriotas portugueses vêm travando contra a ditadura fascista de Salazar no sentido da libertação dos presos, há longos anos encarcerados por motivos políticos.

Prova dessa compreensão e apoio são as manifestações de solidariedade que estão sendo enviadas de Niterói e outras cidades fluminenses à Comissão de Anistia da UDP com vista à I CONFERÊNCIA DOS PAISES DA EUROPA OCIDENTAL PELA ANISTIA AOS PRESOS E EXILADOS POLITICOS PORTUGUESES.

Apesar das "promoções" habilidosas da colônia salazarista, é de mais evidente, que não seria o seu "folclore" de invenção, arranjadinho, nas casas regionais do bairro da Tijuca, capaz de distrair ou confundir a opinião pública esclarecida dos Fluminenses. Esta, no que possui de mais autêntico e representativo, sabe que existe um povo oprimido e espoliado dos seus mais elementares direitos, e que, por isso mesmo, enfrentando os cárceres e a fúria assassina dos seus algozes, luta por se libertar do jugo salazarista.

Acreditamos, que um dia que não está longe, Portugal inteiro, Portugal autêntico, CANTARÁ E DANÇARÁ com a alegria verdadeira que só os povos livres, política e economicamente, possuem.

Entretanto, é para a Conferência pela Anistia que se volta a atenção da opinião pública esclarecida, dos democratas portugueses, e mais do que ninguém, dos próprios presos políticos, que, por certo, encontrarão em manifestações como esta estímulo e encorajamento, para resistir ao fascismo.

Entre as centenas de fluminenses de todas as categorias sociais e credos políticos, que firmaram a Declaração de Apoio à Conferência, contamos as seguintes personalidades:

VASCONCELOS TORRES, Deputado Federal; AFONSO CELSO NOGUEIRA, Advogado; TENORIO CAVALCANTI, Deputado Federal; ADÃO PEREIRA NUNES, Deputado Federal; NELSON PEREIRA DOS SANTOS, Cineasta; QUIRINO CAMPOFIORITO, Professor da Universidade do Brasil; HILDA CAMPOFIORITO, Pintora; DEMISTOCLIDES BATISTA, Dirigente Sindical dos Ferrovários; ANELIO LATINI FILHO, Cineasta; HONORIO PECANHA Escultor; GERALDO REIS, Professor; JOÃO SOARES DE CARVALHO, Decorador; CLAUDINO J. DA COSTA, Operário e Ex-Deputado Federal; GEIR CAMPOS, Poeta e Escritor; JOAQUIM PEREIRA NEVES, Escultor; GRAZIELA LATINI, Escritora; MANUEL MARTINS, Advogado; LAURITA PEREIRA DOS SANTOS, Artista de

Cinema; IRENE VANDERLEI, Jornalista; HELVECIO MONASSA, Candidato a Prefeito; ALMIR REIS NETO, Dirigente Sindical; JACY PACHECO, Escritor; JOAQUIM MAIRINK FILHO, Dir. Sind. Rodov.; FRANCISCO GOMES, Operário e Ex-Deputado Federal; MARIA FELISBERTA JARDIM, Professora Secundária; MARIA J. VASCONCELOS NETO, Professora; MANUEL BEIENCOURT JARDIM, Advogado; JOÃO MASSENA MELO, Líder Popular; PHILEAS BRANDÃO, Cirurgião; MANUEL GOU-LART PICAÑO, Advogado; GABRIEL ALVES DE OLIVEIRA, Dirigente Sindical; PAULO PIMENTEL, Professor Universitário; ANA MANTEL, Arquitecta; BERNARD TUNNY, Arquitecto; JANETE SANTOS, Arquitecta; JOSÉ FRANCISCO DA SILVA, Estudante Universitário.

A classe operária fluminense, envia mensagens

Num impressionante movimento de solidariedade humana e de classe, os Sindicatos de Trabalhadores dos Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, juntam a sua voz à de centenas de organizações de classistas europeias reclamando ANISTIA PARA PORTUGAL.

Representando centenas de milhares de trabalhadores, deram a sua integral adesão e apoio aos objectivos da Conferência de Paris, através de mensagens endereçadas ao Sr. Daniel VIDAL, Secretário do Comité Internacional, as seguintes entidades:

CONSELHO SINDICAL DOS TRABALHADORES DO ESTADO DO RIO (entidade que congrega mais de 100.000 Trabalhadores); FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE LAVRADORES DO ESTADO DO RIO (representando mais de 60.000 lavradores); FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NA IND. DE TECELAGEM; FED. DOS TRAB. NA IND. DE ALIMENTAÇÃO; SINDICATO DOS TRABALHADORES NA IND. DO VIDRO DE NITEROI E SÃO GONÇALO; SINDICATO DOS TRABALHADORES NA IND. DE CONSTRUÇÃO CIVIL DE NITEROI E NOVA IGUAÇU; SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ENERGIA ELÉTRICA DO EST. DO RIO; SIND. DOS BANCARIOS DO RIO DE JANEIRO, GB; SIND. DOS OPERARIOS TEXTEIS DE NITEROI; SINDICATO DOS TRABALHADORES EM CARRIS URBANOS DE (Continua na pag. 7)

(Continuação da pag. 2)

NITEROI; SINDICATO DOS FERROVIARIOS DA ESTRADA DE FERRO DA LEOPOLDINA; SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDUSTRIA DE VESTUÁRIO; SINDICATO DOS OPERARIOS NAVAIS DO ESTADO DO RIO E GUANABARA.

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EMPRESAS FERROVIARIAS DO RIO DE JANEIRO

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDUSTRIAS DE FIAÇÃO E TECELAGEM DE NITEROI

Apoio dos universitários fluminenses

APROVADA POR ACLAMAÇÃO MOÇÃO DO XVIII CONGRESSO FLUMINENSE DOS ESTUDANTES

O XVIII CONGRESSO FLUMINENSE DOS ESTUDANTES, conhecedor da situação aflitiva que pesa, atualmente, sobre os jovens estudantes portugueses e os presos, perseguidos e exilados políticos, vítimas do salazarismo;

sabendo da realização, em Paris, a 3 e 4 de novembro próximo, da Conferência da Europa Ocidental Pró-Anistia em Portugal; e considerando que a Anistia propugnada pela Conferência tem um alto significado humanitário, de redenção e concórdia;

RESOLVE

expressar todo o seu apoio à citada Conferência, confiando que ela poderá representar uma ajuda significativa à justa causa da Anistia para os presos, perseguidos e exilados políticos portugueses.

Niterói, Capital do Estado do Rio de Janeiro, 4 de outubro de 1962.

as) José Carlos de Almeida, Pres. da UFE
Aida Rodrigues Araújo, DASAT
Geraldo Abreu Silveira, CAUBF
Ivan Saide, DAOC

Subscreveram ainda a DECLARAÇÃO de adesão à Conferência as seguintes entidades estudantis:

José Carlos de Almeida — Pres. da UNIAO FLUMINENSE DOS ESTUDANTES; Geraldo A. de Oliveira — Pres. do C. A. "VITAL BRASIL FILHO"; Darcy Chuprotal — Pres. do DIRETORIO CENTRAL DOS ESTUD.; Eliane Macedo Rocha — Pres. do D. A. "MARIA KIEHL"; Reginaldo Teixeira Salles — Pres. do D. ACADEMICO "O. VIANA"; José Maria Silveira — Pres. da CAJOPA (CAMPOS); Arcélia Maria Bezerra — Pres. da D. A. E. C. — Engenharia; Elias

B. Filho — Pelo Pres. da C. A. A. O. — Farmácia; Aluisio P. de Andress — V. Pres. do D. A. O. C. — Engenharia; Erna Marta V. Dollinger — Tesoureira da UNIAO FLUM. DOS ESTUDANTES; Marcos — Secretário Geral da U. F. E.; Geraldo Ferreira da Costa — Pres. da FRENTE UNIVERSITARIA PROGRESSISTA.

Novamente preso o Padre Pinto de Andrade

Alarmado com a fuga do dr. Agostinho Neto, o governo fascista de Lisboa tomou severas medidas para que nenhum dos angolanos que se encontravam em 'Liberdade vigiada' imitasse o presidente honorário do MPLA. Uma das primeiras vítimas das instruções dadas nesse sentido foi o rev. Joaquim Pinto de Andrade, que se encontra novamente sob prisão, tendo sido retirado pela PIDE do mosteiro de Singeverga onde lhe fora fixada "residência obrigatória". Nem os membros do clero escapam à fúria feroz do fascismo moribundo...



Clichê do livro "Salazar Visto do Brasil", primeiro lançamento da Editora Felman-Rêgo, cujo produto será integralmente dedicado aos Presos Políticos Portugueses. Pedidos ao cuidado do nosso jornal.

Apoio financeiro á Conferencia

Os apelos que temos feito a portugueses e brasileiros no sentido de contribuirem financeiramente para a Conferência de Paris, têm encontrado o melhor acolhimento.

Prova do que afirmamos está no expressivo número de contribuintes que abaixo publicamos. Portugueses e brasileiros, sempre que nos apresentamos, em comissão ou individualmente, a pleitear um donativo para a Conferência, e uma vez esclarecidos sobre a situação repressiva existente em Portugal e a importância da luta pela Anistia, receberam o nosso pedido com a maior simpatia.

Entre as contribuições recebidas são de salientar os donativos recolhidos Curitiba (Paraná) e Niterói (Estado do Rio) no valor total de respectivamente, Cr\$ 63.484,00 e Cr\$ 33.150,00.

Do valor total recolhido, desde o início desta campanha, foram remetidos para o Secretário do Comité Internacional Cr\$ 932.500,00. Como se verifica pelo mapa que a seguir publicamos, existe em Caixa um saldo de Cr\$ 44.819,00 que, juntamente com as despesas, perfaz o valor global recebido até esta data de Cr\$ 1.115.434,00.

O adiamento da Conferência para 15 e 16 de Dezembro próximo, embora contrarie o programa estabelecido pelo Comité organizador, permite que os democratas portugueses e brasileiros, que ainda não contribuíram para esta importante iniciativa, nos façam chegar as suas contribuições ou as remetam, antes da realização do conclave para o Secretário do Comité Internacional, Sr. Daniel VIDAL, 3 rue des Pervenches — à Bagneux — Seine — France.

Intensifiquemos a ajuda à Conferência de Paris! Os milhares de patriotas presos, submetidos aos mais desumanos métodos repressivos, carecem da solidariedade de todos os homens livres do mundo.

MAPA DEMONSTRATIVO DO MOVIMENTO FINANCEIRO DE AJUDA A CONFERENCIA DE PARIS

ENTRADAS	Cr\$		Cr\$
Transporte do n.º anterior	846.840,00	C. S. — Comissão Curitiba	2.000,00
NOVOS DONATIVOS		JAD — Comissão Curitiba	1.000,00
Aristides Métry	1.000,00	M. N. — Comissão Curitiba	1.000,00
José R. Vieira Neto	5.000,00	Merceria Yara	2.992,00
M. Guilherme	500,00	Valentim de F. Pereira	5.000,00
José C. Azevedo de Almeida	500,00	Rolando Carvalho	1.000,00
Evaristo dos Santos Ribeiro	2.000,00	Augusto Cardoso	2.000,00
Rio Cávado	5.000,00	L. A. — Comissão Curitiba	2.000,00
Alexandre Pereira	5.000,00	Sadia S. A.	2.992,00
Albino Mateus	2.000,00	Nelson T. Galvão	5.000,00
Vitor e Fernando L. Quintas	10.000,00	E. Ritzmann	5.000,00
JJS — Comissão Curitiba	500,00	Paulo E. G. dos Reis	25.000,00
Jovinar Pessoa	4.000,00	G. "Unidos pela Democracia"	9.000,00
J. C. — Comissão Curitiba	5.000,00	Avelino Francisco	1.100,00
C. P. B. — A. Aragão	20.000,00	J. Alves	2.000,00
Maria Archer	4.000,00	Germinal da Silva	5.000,00
Manuel Alves	2.000,00	J. Alves de um amigo	300,00
Carlos Capela	100,00	Manuel L. Neto	5.000,00
Vasso Moreira	100,00	Casimiro Matos	1.000,00
Manuel Goulart	350,00	Constantino Oliveira	200,00
Wanderley Mello	500,00	Amigo Espanhol	300,00
Antonio Rocha	1.000,00	C. Alvares	5.000,00
A. Monteiro	5.000,00	José Maria Salgueiro	10.000,00
Joaquim Figueiredo	200,00	Anti-salazaristas do Ipiranga	20.000,00
Eduardo Vaz P. de Souza	5.000,00	M. M. F. — A. Aragão	10.000,00
Antonio Ferrer	5.000,00	Abelardo G. de Abreu	5.000,00
Armando Ferreira	1.500,00	Augusto Aragão	5.000,00
Alfredo José Branco	500,00	Jorge Wilhelm	5.000,00
		Joaquim M. G. Sobrinho	1.000,00
		F. P. — A. Fonseca	3.000,00

Alfredo S. Paesani	2.000,00
Caio Prado Júnior	20.000,00
Joaquim Quitério	500,00
Júlio César	3.000,00
Venda de flâmulas alusivas à Conferência de Paris	14.060,00
Venda dum cinzeiro (oferecido à Comissão)	400,00
Total recebido	1.115.434,00

SAIDAS	Cr\$
Transporte do n.º anterior	817.537,00
Convites impressos em Curitiba, conf. Doc. n.º 9, anexo	2.000,00
Passagens ida e volta, e estadia em Curitiba, conf. Doc. n.º 10, anexo	12.371,00
Correspondência e telegramas, conf. Doc. n.º 11, anexo	1.207,00
Confeção de flâmulas alusivas à Conferência, conf. Doc. n.º 12, anexo	22.500,00
Remessa para M. Daniel Vidal, Secretário do Comité Internacional, feita em 16/10/62, conforme Doc. n.º 13, anexo. (Valor equivalente a US \$ 328,24)	215.000,00
Total saído	1.070.615,00
Saldo em Caixa	44.819,00
TOTAL	1.115.434,00

São Paulo, 25 de Outubro de 1962.

Pela Comissão Executiva e Comissão para a Anistia da U. D. P.
Manuel Sertório, Victor da Cunha Rêgo, João Tito de Moraes, Miguel Urbano Rodrigues, Engenheiro Tito de Moraes, Augusto Aragão, Antonio Fonseca, Lenine Alexandre, Helder Costa, Joaquim Quitério.

ALEXANDRE PEREIRA
Tesoureiro da Comissão

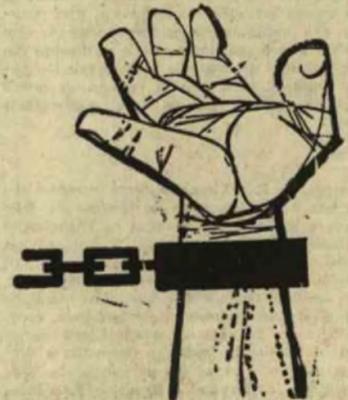
Adiada a Exposição de Paris

Para atender a uma sugestão do Comité Nacional Francês para a Anistia a mostra de pintura brasileira que se deveria realizar em Paris em novembro próximo, a favor da Conferência dos Países da Europa Ocidental para a Anistia aos Presos e Exilados Políticos Portugueses, foi adiada para data posterior ao conclave, a fim de que a iniciativa possa alcançar a maior repercussão. Os artistas nacionais que oferecerem trabalhos seus para a exposição são apresentados no catalogo pelo escritor e crítico de arte Geraldo Ferraz.

Morreu Pedro Bengue

Vítima dos esbirros de Salazar, morreu em Lisboa o patriota angolano Pedro Bengue. É mais um mártir a acrescentar à lista interminável dos angolanos liquidados pela repressão fascista. Não lhe perdoaram a coragem com que sempre lutou pela liberdade da sua pátria!

UM NOVO APELO CORRERA MUNDO



Esta mão, e este apelo, serão vistas muitas vezes, em muitos lugares pelos democratas portugueses.

APOIAI E AJUDAI A PRIMEIRA CONFERENCIA DOS PAISES DA EUROPA OCIDENTAL PARA A ANISTIA AOS PRESOS E EXILADOS POLITICOS DE PORTUGAL.

Enviai adesões, donativos ou quaisquer outras contribuições para a Rua Conselheiro Furtado, 191, S/2, Caixa Postal 4469 — S. Paulo.

PORTUGAL
DEMOCRATICO

O 5 DE OUTUBRO

(Continuação da pag. 2)

nistas dos que pensam menos em ser homens livres dum país livre, do que em ser chefes a qualquer preço, e sonham com milagres em vez de pensarem e agirem eficazmente para uma vitória que não poderá ser de um chefe, nem de um partido, nem de uma doutrina. — mas a vitória do povo português.

Discursa Vitor Ramos

No uso da palavra, o prof. Victor Ramos principiou por declarar:

Há 52 anos um grupo de revolucionários derrubava a estrutura arcaica que dominava o nosso país e estabelecia a I República Portuguesa. Insisto na palavra REVOLUCIONÁRIOS e na palavra DERRUBAR porque existe hoje uma tendência para esquecer que o 5 de outubro foi uma verdadeira Revolução, e não um movimento reformista. O governo de Salazar, que nunca ousou abolir completamente as comemorações desta data (embora o tentasse em várias ocasiões) tem procurado atenuar o seu significado, apresentando o 5 de outubro como uma transição suave, uma passagem de uma para outra cúpula, um movimento de palácio. Para Salazar e os seus historiadores, Portugal, em 5 de outubro de 1910 escorregou insensivelmente da Monarquia para a República, passou, num movimento superficial, de um regime para outro.

Ora, nada é mais falso do que esta interpretação. O movimento que hoje estamos comemorando foi uma verdadeira Revolução, e é como tal que adquire, para nós, republicanos de 1962, um significado exemplar. Claro que quando afirmo que o 5 de Outubro não significa isso — acrescentou — que devamos amanhã seguir tudo o que fizeram os republicanos históricos. O que se torna necessário é evitar os erros e repetir os acertos.

E nesta, na lista das coisas justas que a República de 1910 nos legou figura em primeiro lugar a organização pré-insurreccional que precedeu a Revolução que hoje comemoramos. Com efeito, o nosso país atingiu presentemente um clima que se assemelha àquele em que Portugal se encontrava em 1910, antes do 5 de Outubro, e que nos permite aproveitar as suas lições.

Também nessa época os portugueses se organizaram em grupos ilegais, em formações que minavam o regime, que corroíam por dentro, que espalhavam a doutrina republicana em todas as camadas da população. Estão aqui presentes alguns revolucionários dessa época, que pertenceram às organizações clandestinas de então e que ainda recordam o sacrifício e a abnegação de que davam mostras os seus membros, às voltas com a PIDE da época, a polícia de João Franco, certamente menos feroz e organizada do que a de hoje, mas igualmente ativa e disposta a adotar todos os métodos, mesmo os mais criminosos para dominar a ânsia revolucionária do nosso povo. Eles ainda recordam, esses republicanos históricos, o entusiasmo com que, apesar dessa repressão à juventude (principalmente a juventude estudantil, dada a pouca expressão organizativa da operária e da camponesa) aderiu às organizações secretas e nelas trabalhava. Eles ainda recordam a forma organizada e sistemática como se difundiam as doutrinas republicanas no Exército e na Marinha, como durante cerca de 20 anos, num trabalho quotidiano, regular, por vezes apagado, se conseguiu conquistar para a República essas Forças Armadas que a implantaram no 5 de Outubro.

Prosseguindo, o prof. Victor Ramos lembrou que apesar de a época ser outra, as possibilidades de ação não são menores. E afirmou: E isto por quê? Porque as restrições que indiquei são compensadas hoje pela maior politização do povo português e pela forma mais aguda como se apresentam os problemas nacionais. O povo português, reagindo contra os que pretendem a todo o custo mantê-lo na ignorância, tem conseguido derrubar as muralhas do obscurantismo

mo e é hoje bem mais capaz de apreender os problemas políticos do que então. Essa capacidade constitui mesmo a maior derrota do salazarismo, pois ao fim de 36 anos de opressão ainda resta ao nosso povo força suficiente para fazer tremer a estrutura do regime. Que assim é, prova-se pelo êxito do movimento das Juntas de Ação Patriótica que, neste último ano, desde a última vez que nos encontramos aqui reunidos, conseguiram lançar na rua, em manifestações, milhares de portugueses conscientes". Historiou, depois, o orador o que tem sido o movimento de massas desencadeado em Portugal desde as últimas eleições fraudulentas para a paródia de Assembleia Nacional mantida por Salazar e comentou a consequente repressão policial do aparelho salazarista.

"Os êxitos da sua luta — declarou — os êxitos de todas as forças oposicionistas unidas, colocam, pois, a nossa ação dentro do mesmo caráter pré-insurreccional que teve a revolução republicana. Tal como antes do 5 de Outubro as massas vêm para a rua e afrontam os mais brutais meios de repressão. Em 1910, eram os chanfalhos da Polícia de Segurança, hoje são os casse-lêtes e as espingardas-metralhadoras da Polícia e da Guarda. Tal como então, mais do que então, homens corajosos morrem na rua e a história registrará um dia que em 1962, na luta contra o salazarismo já tombaram mais heróis do que na queda da Monarquia. Dentre aqueles que a polícia matou no ano passado mencionarei apenas um nome, que simbolizará todos os que caíram no cumprimento do dever. Falarei apenas de José Dias Coelho, desse artista de talento, desse escultor, com prémios em várias exposições, desse herói abnegado, que renunciou à realização de uma carreira artística para se dedicar apenas à luta pela libertação do nosso País e que foi assassinado a tiro pela PIDE, numa rua de Alcântara, em 29 de dezembro do ano passado."

Quando o prof. Victor Ramos aludiu no seu discurso ao assassinio pela PIDE do escultor Dias Coelho, todos os presentes, de pé, prestaram — correspondendo à sugestão de um democrata, português — homenagem à memória da-quele grande patriota, com um minuto de silêncio.

Eselareceu, porém, o orador que ninguém deve alimentar ilusões. O salazarismo está ferido de morte. Mas a sua agonia será longa se não soubermos precipitá-la.

"E na luta de todos os dias — disse — na ação insistente na fábrica, no campo, nas forças armadas, na universidade, que se forjam os meios que permitirão derrubar com segurança o salazarismo. Nesta luta unitária de base, que ao lado da unidade de personalidades alcançará a vitória, a emigração tem um grande papel a desempenhar. Nós sabemos que é precisamente aqui, fora do país, que a unidade é mais difícil. Nós sabemos que, longe da realidade nacional, e desse controle popular que, mesmo numa ditadura, sempre se exerce, existe a tendência para a transformação de cada emigrado de certo valor num pequeno líder; nós sabemos que depois, para satisfação de pequenas ambições pessoais, esses pequenos líderes (e também os grandes) passam a degladiar-se, a combater-se entre si, esquecendo o nosso verdadeiro e único combate que é contra o salazarismo. Mas nós sabemos também que apesar de tudo isso o trabalho da emigração tem sido enorme. E tem-no sido graças precisamente aos esforços daqueles que têm sabido superar as questões pessoais e aos que, na base, ignorando ou esquecendo as dissensões da cúpula, trabalham anonimamente, persistentemente, sem alarde, pelo triunfo da nossa causa. É para esses em primeiro lugar que vai o nosso respeito, para esses que, sem se interrogarem se são da esquerda ou da direita, sem pensarem em que ponto do horizonte irão ficar amanhã, depois da queda de Salazar, tratam primeiro de derrubá-lo; para esses que não pensam na forma como aproveitarão a pelo do urso... antes de matarem esse urso. São es-

ses precisamente que mantêm de pé tudo quanto a emigração tem feito de aproveitável e de útil. São eles que, aqui em São Paulo, trabalham na UDP, no PORTUGAL DEMOCRATICO, no Centro Republicano."

E a todos esses, lembrou o orador, que se deve a preparação da tarefa maior em que no momento toda a emigração democrática está empenhada: a Conferência de Anistia, a realizar em Paris. E, continuando, evocou o trabalho persistente que vem desde a I Conferência Sul-Americana de Anistia, efetuada em São Paulo há três anos. "Nós devemos — disse — aos nossos correligionários que se acham na prisão em Portugal, todos os esforços para a sua libertação". E Victor Ramos citou um por um os casos mais expressivos, acrescentando:

A Conferência de Anistia realiza-se na Europa, e na atual conjuntura política, com Salazar pretendendo entrar para o Mercado Comum Europeu, a denúncia da situação portuguesa será um golpe fundo no ditador. Comemoramos pois este 5 de Outubro com uma promessa de trabalho. A data da Conferência aproxima-se. Unam-nos todos, na base e na cúpula, em vista de ações concretas, de ações imediatas de que temos aqui um bom exemplo. Trabalhem todos, na medida das nossas possibilidades para que a Conferência seja um êxito. Transformemo-la na grande tribuna que despertará os indiferentes, que chamará a atenção do mundo para esse quisto de iniquidade, para essa vergonha que é a existência em 1962, em plena Europa de um regime de corrupção, de atraso, de mediocridade e de tirania. Gritemos tão alto que ninguém possa dizer que ignora o que se passa no fundo dessa enorme prisão que continua sendo o nosso país. Procedendo assim estaremos prestando, como devemos, o maior tributo àqueles que, a 5 de Outubro de 1910, instauraram pela Revolução a primeira República Portuguesa.

E a terminar, gostaria de propor a aprovação por esta mesa de um documento que vou ler, de agradecimento ao Secretariado Internacional organizador da Conferência de Paris, de agradecimento aos nossos amigos brasileiros, franceses, ingleses, italianos, belgas, uruguaios, argentinos e quantos trabalham em favor da libertação dos presos políticos portugueses:

Exmo. Senhor Daniel VIDAL
Secretariado Internacional da Anistia

PARIS

Democratas portugueses reunidos em confraternização para comemorar o aniversário da proclamação da República Portuguesa aproveitamos ensejo para apresentar os maiores agradecimentos pelo magnífico trabalho realizado por esse Secretariado e fazemos votos no sentido de que a Conferência de Novembro alcance todos os objetivos previstos. A nova República Portuguesa não esquecerá os esforços de quantos ajudaram a libertar os seus combatentes caídos na luta contra a opressão.

Por proposta de um democrata presente o documento apresentado pelo Prof. Victor Ramos foi aprovado por aclamação.

A PALAVRA DOS BRASILEIROS

Seguiu-se, no uso da palavra, Helena Silveira, presidente da União Brasileira dos Escritores. Falando de improviso, pronunciou o mais comovido discurso da noite. Principiando por saudar seus "irmãos portugueses" declarou: "Ergo a minha taça para que logo, o aniversário da vossa República possa ser comemorado em Portugal sem a ditadura salazarista. Em meu nome e no da União Brasileira de Escritores afianço que sempre poderéis contar conosco no combate que travais em prol da libertação de vosso país, de vossos estudantes, de vossos operários, de vossos artistas e escritores dos cárceres de Salazar."

E, mais adiante, disse:

"A nós, Irmãos, não fazem mossa as ditaduras, quaisquer que sejam. Francos e Salazares, grupos economicos nacionais ou internacionais não calarão nossas vozes. No Congresso pelo Desarmamento e pela Paz, realizado em Moscou, estive, recentemente, com o poeta

Marcos Ana, encarcerado em Espanha por mais de vinte anos. Todavia, seu cantico de poeta nunca foi encarcerado, varou as barras dos calabouços de Franco e hoje repercute pelo imenso mundo, onde quer que se lute pela dignidade do Homem.

"Não faz muito tempo, em pleno carnaval, numa favela de S. Paulo, desta cidade de aníteses flagrantes entre miséria e riqueza, morreu uma criança recém-nascida. E o pai não quis e não pôde pagar enterro modesto de empresa funerária. Que o pouco dinheiro que tinha fosse para os filhos vivos. O morto, este, pobrezinho, morto já estava e de tão pequeno que era bem podia ir para baixo da terra deitado numa caixa de sapatos. A mãe chorou: esse não era destino nem para animal de estimação, cachorro ou gato, que se diria para um anjinho de Cristo? Foi aí que, ao barraco, chegou o cantor do morro, o rapsodo que sabia transformar miséria e tristeza em letra de samba. Despojou-se do violão. Abriu seu bojo e ali foi colocado o pequenino morto. Não é cair em facil demagogia imaginar que esse violão, como a lira de Orfeu, está dentro da terra vibrando seu canto de protesto dos inocentes massacrados, pedindo justiça.

"Lembro-me, agora, da frase final do belo romance de Ferreira de Castro: "A Curva da Estrada". O velho militante espanhol ditava uma carta à neta. E dizia: "Nós devemos amar os homens". A moça retrucou: "Vovô já escreveu isso". E ele: "Nunca é de mais repetir: "Nós devemos amar os homens".

E Helena Silveira concluiu: "Sim, meus irmãos portugueses: Com Buda, Confúcio, Cristo ou Marx, nós devemos amar os homens. E mais uma vez ergo o meu copo brindando esse mundo fraterno que há-de vir, mundo sem lugar para Salazar e Franco. Nós devemos amar os homens!"

Encerrou a série de discursos o prof. dr. Antonio Soares Amora, da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, que representava o reitor desta na solenidade. Na sua oração, o ilustre catedrático dissertou sobre o significado da Revolução do 5 de Outubro, mostrando como, do ponto de vista cultural, a proclamação da República em Portugal contribuiu de forma decisiva para a abertura de novos horizontes à INTELIGENTZIA, integrando Portugal numa Europa da qual se atrasara.

As comemorações em Recife

RECIFE (Do correspondente) — O 52.º aniversário da implantação da República foi nesta cidade comemorado com um jantar de confraternização democrática realizado na Associação de Imprensa de Pernambuco. Presidiu o prof. Ruy Luiz Gomes, ex-candidato à presidência da República e estiveram presentes entre outros, os seguintes democratas portugueses: prof. dr. José Morgado, Antonio Brito Miguel, eng. Armando Areias, Lobo Braga, arquiteto Amorim, Luciano Rodrigues da Silva, e Manuel Luis Fernandes e Angelo Ferreira da Silva, representando PORTUGAL DEMOCRATICO. Entre os numerosos brasileiros contavam-se o escritor e crítico literário Paulo Cavalcanti e o jornalista Eunício Campello, redator do "Jornal do Comércio".

Aos brindes, usou da palavra o prof. Ruy Luiz Gomes que aludiu ao significado simbólico da data e anunciou a próxima inauguração do Centro de Democratas Portugueses de Recife, iniciativa que recebeu imediato apoio do dr. Paulo Cavalcanti e de todos os brasileiros presentes.

Estudantes angolanos abandonam Portugal

Com a fuga clandestina de 13 jovens angolanos que realizavam os seus estudos em Portugal, o governo fascista de Salazar acaba de sofrer nova derrota. O episódio repete outro, de maiores proporções, verificado em junho de 1961,

quando cerca de 100 estudantes de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé conseguiram iludir a vigilância da PIDE e atravessaram a fronteira portuguesa a fim de se reunirem aos respectivos movimentos nacionalistas que lutam contra o colonialismo português.

Eis a lista dos 13 estudantes, todos eles militantes do Movimento Popular de Libertação de Angola: Daniel Julio Chipenda, geologia; Augusto Araujo, geologia; Antonio Miranda, medicina; Arnaldo Pereira, direito; José Andrade, direito; Gilberto da Silva, medicina; Leopoldo da Silva, direito; José Alves Pires, direito; Augusto Matos, direito; Maria dos Anjos, enfermeira; Antonio Fiança, curso liceal; Eva Chipenda e dois filhos; Margarida Chipenda e um filho recém-nascido.

PORTUGAL
DEMOCRATICO

Rua Conselheiro Furtado, 191
São Paulo, Brasil

DIRETOR RESPONSÁVEL

Otávio Martins de Moura

CONSELHO DE REDAÇÃO

Adolfo Casais Monteiro, Fernando Correia da Silva, Fernando Lemos, Jorge de Sena, Manuel Seritório, Paulo de Castro, Vitor Ramos.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Antonio Bidarra Fonseca, Carlos Neves, Francisco Lopes; Manuel Ferreira Moura.

SUCURSAL

RIO DE JANEIRO: Praça 11 de Junho, 356 — Telefone: 43-5110

REPRESENTANTES

RECIFE: Manuel Luis Fernandes e Angelo Ferreira da Silva — Av. Dantas Barreto, 564 - 9.º sala 908

FORTALEZA: Dr. Carlos d'Almeida Av. Visconde de Caupe, 2.853 Fortaleza — Ceará

CAXIAS: Manuel da Costa (Maneca) — Caixa Postal, 114 — Caxias (Estado do Rio)

BELO HORIZONTE: Virgolino Pereira Vilhena — Rua Rio de Janeiro, 390 — sala 304 — Caixa Postal 24 — Belo Horizonte — (Minas Gerais)

PELOTAS: Heitor M. Bandeira — Rua 7 de Setembro 312 — Pelotas Rio Grande do Sul

SALVADOR: Américo Carvalho — Av. Sete, nº 1 — Edifício Sulacap, 215 — Salvador (Bahia).

INGLATERRA: Grupo de Portugueses Democratas da Inglaterra (CPDI) 4, Sherwood Gardens, Barking, Essex.

CANADÁ: Comitê dos Portugueses Democratas do Canadá — 47 Barrymore Road — Scarborough — Ontário — Canadá

VEZUELA: Junta Patriótica Portuguesa — Apartado 8287 — Caracas

ARGENTINA — Manuel Lopes — Benito Perez Galdos, 222 — Buenos Aires

URUGUAI — Agrupação de Portugueses Democratas — Colônia 1.013 — P. 7 — Montevideo

CHECOSLOVÁQUIA: Manuel Nunes — Konevova, 160 — Ziskov — Praha —

UNIÃO SUL-AFRICANA: J. Sarmento — P. O. Box 3314 — Johannesburg.

REDAÇÃO

Rua Conselheiro Furtado, 191 — Sala 2 — Caixa Postal 4.469 — Tel.: 37-0933 — São Paulo

EXPEDIENTE

Dias úteis: das 19 às 22 horas
Sábados: das 15 às 19 horas
Numero avulso: Cr\$ 10,00

Assinatura anual: Cr\$ 300,00
Assinatura especial: Cr\$ 500,00
Ass. p/ o Exterior: US \$ 5-00

Ano VII - N.º 66 - Nov. 1962

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade.

«A Resistência em Portugal»

— Um livro atual e importante —

Poucas vezes o lançamento de um livro sobre qualquer assunto político de atualidade terá chamado tanto a atenção dos meios intelectuais de São Paulo como acaba de acontecer com a obra "A Resistência em Portugal", de Amílcar Gomes Duarte.

Precisamente porque o autor se encontra em Portugal onde luta, na clandestinidade, contra o fascismo português, gerou-se um movimento de intensa expectativa em torno do lançamento da obra refletindo-se essa curiosidade no próprio relevo dado pela imprensa, rádio e televisão ao noticiário sobre o acontecimento, chamando a atenção do público para o fato de Amílcar Gomes Duarte ser representado junto do público paulista, na apresentação do seu livro por uma comissão integrada por oito personalidades de grande prestígio: Adolfo Casais Monteiro, crítico e escritor português; Afonso Schmidt, escritor; Caio Prado Junior, sociólogo e escritor; Cid Franco, deputado, escritor e candidato pelo Partido Socialista ao governo de São Paulo nas recentes eleições; Dácio de Arruda Campos, juiz e editorialista de "O Estado de São Paulo"; Helena Silveira, presidente da União Brasileira de Escritores; Maria Presles Maia, esposa do prefeito de São Paulo; e Mario Schenberg, deputado e professor catedrático da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Correspondendo, aliás, ao interesse e ao significado da obra, a Editora Brasiliense, reservou, durante alguns dias, a montra da sua Livraria na rua Barão de Itapetininga à exposição exclusiva de exemplares do livro de Amílcar Gomes Duarte. Em arranjo de efeito simbólico, no meio da profusão de capas de "A Resistência em Portugal", sobressaíram dois documentos alusivos à RESISTÊNCIA: a gravura, já famosa, que mostra o assassinio de Catarina Eufêmia pelo tenente Carrajola; e uma foto de Militão Ribeiro, o heróico dirigente operário, encimando um trecho da carta que pouco antes de morrer, escreveu com o próprio sangue: "... Tenho sofrido tudo o que um ser humano pode sofrer. Nem mesmo sei como tenho tido forças para sofrer tanto. Não obstante tudo isso, jamais deixei de ter fé na nossa causa. Sei que venceremos."

Não é de admirar, portanto, que ao amplo salão da Livraria Brasiliense tenha afluído um público particularmente numeroso na tarde do dia 19, marcada para o lançamento. Entre as 18 e as 20 horas, os intelectuais que representavam o autor não descansaram na tarefa de autografar exemplares. De outro lado, a mensagem aos presos políticos portugueses, cujo texto publicamos na primeira página, foi assinada por dezenas de personalidades em destaque nos meios literários e artísticos. Na im-

possibilidade de citarmos todos os presentes, damos, a seguir alguns nomes: Mario Donato, Marcos Rey, Rolando Roque da Silva, Roberto de Paula Leite, Toledo, todos da diretoria da União Brasileira de Escritores; Mario Pedrosa, diretor do Museu de Arte Moderna e diretor da Associação Internacional dos Críticos de Arte; Claudio Abramo, secretário da redação de "O Estado de São Paulo"; Hilde Weber, pintora; Bráulio Pedroso, crítico literário; Elias Chaves Neto, chefe da redação da "Revista Brasiliense"; Lupe Cotrim Guarde, poetisa; Cunha Mota, Amador Galvão de França, João Zicardi, jornalistas; Luis Fortes, secretário de redação da revista "Política Operária"; Dolores Meilo Vassão, secretária da Comissão Brasileira para a Anistia; Aldo Lins e Silva, advogado e presidente da Comissão de Solidariedade a Cuba; Odila Dudus, Diocleciano da Fonseca, João Freire, escritores; Professor Samuel Pessoa, Dona Jovina Pessoa, o nosso diretor Sr. Otávio Martins de Moura, Dr. Alvaro de Faria, Dr. José Eduardo Fernandes, etc.

Do lado português a comparação foi maçoça. Estavam presentes entre outros os srs. capitão João Sarmento Pimentel, capitão Francisco Sarmento Pimentel, eng. Rica Gonçalves, dr. Manuel Sertório, eng. Tito de Moraes, dr. José Pedroso de Lima, pintor Fernando Lemos, escritor Fernando Silva, poeta Sidónio Muralha, jornalista Miguel Urbano Rodrigues, elementos do Centro Republicano Português, da U.D.P. e do nosso jornal.

A Editora Felman-Rego, responsável pelo lançamento da obra, estava representada por João Manuel Tito de Moraes.

UM COMENTÁRIO DE "ULTIMA HORA"

Na extensa reportagem dedicada ao acontecimento, o jornal "Ultima Hora", em sua edição do dia 20, depois de assinalar o êxito da "tarde de autógrafos" salientou que "o lançamento marcou sucesso reforçando a posição dos democratas portugueses radicados em S. Paulo que viram sua luta prestigiada por figuras de destaque, entre professores, intelectuais, juristas e representantes de entidades estudantis". Comentando o significado e o valor da "A Resistência em Portugal", escreveu ainda o conhecido vespertino: "O livro de Amílcar Gomes Duarte, pela autenticidade com que expõe a selvageria do regime salazarista, absoluta falta de respeito à legislação, no que se refere à garantia dos direitos individuais e ao clima de terror vivido pelos opositores da ditadura não só em Portugal como no Exterior, devido à perseguição da PIDE, representa um passo à frente na luta democrática dos portugueses. Juntamente com as Con-

ferências sobre os Presos Políticos contribuirá para impedir novos desmandos do ditador, alertando a opinião pública de nosso País sobre o que se passa, na realidade, no Portugal salazarista, apresentado pela propaganda oficial como um regime ideal".

Sublevação nas Forças Armadas

O conhecido e respeitado órgão da imprensa britânica "The Guardian", em correspondência de Lisboa, noticiou em 30 de Setembro que uma insurreição das forças nacionalistas guineenses no sul da colônia provocou a morte do chefe local da PIDE e de dois oficiais do exército português.

Por outro lado, foram detidos em fim de Setembro 10 oficiais das forças armadas portuguesas estacionadas na Guiné e enviados para o Forte de Trafaria, onde se encontram presos. A acusação é a de simpatia para com os nacionalistas que lutam pela independência daquela colônia.

Também conforme o mesmo jornal, cerca de 70 soldados do exército de ocupação de Angola encontram-se presentemente no Hospital Militar da Estrela (Lisboa), sob guarda militar, pois se recusam a partir novamente para aquela colônia.

A compreensão da natureza anti-patriótica da política colonial de Salazar entrou, assim, nas forças armadas portuguesas.

Vitória significativa

No momento de fecharmos esta edição de PORTUGAL DEMOCRÁTICO, chega-nos a notícia de que o governo português, cedendo diante da campanha internacional de denúncia dos seus crimes, autorizou dois advogados estrangeiros a assistirem, como observadores dos respectivos órgãos de classe, ao julgamento pelo Tribunal Pleno do Porto dos elementos das Juventudes das Juntas de Ação Patriótica. Esses advogados são os drs. Sival Palmeira, do Brasil e Joan Bawne, da Inglaterra. No nosso próximo número comentaremos essa importante vitória alcançada contra o governo fascista de Salazar.



Em primeiro plano, à esquerda, Aneurim Hughes, presidente da União Nacional de Estudantes da Inglaterra que dirige uma manifestação de apoio aos estudantes portugueses à porta da Embaixada de Salazar em Londres.

Humberto Delgado ao povo de Portugal

Por motivo da passagem do 52.º aniversário da implantação da República o general Humberto Delgado dirigiu ao povo português o Manifesto cujo texto abaixo divulgamos:

PORTUGUESES!

Desde a minha entrada clandestina em Portugal, em 30 de Dezembro de 1961, para a Revolta de Beja, já enderecei quatro documentos destinados, um ao Povo Português em geral, e os outros às Forças Armadas, Juventude e às classes menos privilegiadas.

Dentro da doutrina por mim exposta, de que Beja deveria representar o marco entre o ciclo do papel e o ciclo da ação direta, estes quatro documentos seriam mais do que suficientes para a excitação psicológica, em particular se notarmos que em Portugal, onde estão os latentes revolucionários, também vão saindo documentos.

No entanto, a despeito das diretivas e instruções fornecidas, a falta de iniciativa, junta à feroz vigilância da PIDE, fazem que passemos no exílio mais um aniversário da Implantação da República, com a inerente e tradicional necessidade de glorificar a memória dos revolucionários que há 52 anos implantaram novo regime, dando azo à imediata publicação de leis fundamentais tendentes a modernizar a vida nacional. Daí, embora o momento seja de ação à mão armada, que já devia ter rebentado, e não de documentos, eis-me apresentando homenagem aos vultos da I República e a lembrar a alta lição que tal revolta encerra. Assim, como resposta a tantos que pretendem justificar não se revoltarem senão quando estejam seguros de que há uma organização excepcional, eu lembro que a República se proclamou estando presentes na Rotunda apenas uns 600 homens incluindo civis, todos sob o comando de um oficial subalterno da Marinha, Machado Santos, que nem sequer pertencia ao ramo combatente, pois era comissário naval.

Sucedeu, porém, que este oficial, a despeito de o almirante Cândido dos Reis se ter suicidado no dia 4 de Outubro, portanto horas depois ao desencadear da revolta, não perdeu o moral perante o boato de que tudo estava perdido. Em vez de soltar a maldita e misteriosa voz de "Ter! Ter!" que levou à derrota em Alcácer Quibir, o jovem oficial antes pensou no "Morrer, mas devagar!". E ao contrário dos que abandonaram a Rotunda, ele ficou.

Grande lição!

Foi assim possível às 11 horas do dia 5 de Outubro, o Dr. Euzébio Leão declarar, das janelas da Câmara Municipal de Lisboa, que a República estava proclamada. Para o efeito, a Marinha de Guerra contribuiu com o S. Rafael e o Adamastor, que descendo o Rio Tejo até em frente ao Palácio das Necessidades, sobre este abriram fogo.

No mesmo dia se proclamava o novo regime em Almada, Cascais, Oeiras, Sesimbra, Setúbal, Torres Vedras e Tomar. Em 6, aderiu o Porto e praticamente o resto do país.

A família real, não tendo, salvo raras exceções, quem por ela quisesse combater, embarcou na Ericeira a caminho de Gibraltar, para o exílio.

Falecidos são todos os que constituíram o governo provisório e poucos são os vivos que tomaram parte nos governos republicanos até 1926. Não admira, pois, que as gerações novas tendam a esquecer

este notável ato da história patria, tanto mais que passado meio século, os ideais das massas ultrapassaram os que satisfiziam os idealistas da época. Julgo, todavia, que, na minha posição de ex-candidato à Presidência da República devia não só render a homenagem da Oposição aos homens de 1910, mas ainda salientar vivamente aos novos a maneira como revolução de tão minutos efetivos conduziu à Vitória.

É certo que a atmosfera de patriotismo efervescente levava a que dois homens arriscassem a vida e pagassem com a morte o assassinio político do rei D. Carlos, em 1908 — rei que sofreu injustamente a incapacidade dos políticos. Mas ele era o símbolo da decrepitude de um regime e por isso o alvo dos ataques. Ainda assim, apesar deste ato preliminar, mantem-se de pé a lição dos revoltosos da noite de 3-4 de outubro de 1910.

Dizem os monárquicos que "o Rei morreu, viva o Rei". A nós, republicanos, compete gritar alto: "MORREU A I REPUBLICA, VIVA A SEGUNDA!". Mas não ficar no grito, que é pouco. Ir mais longe, e implanta-la com risco de vida. Para o efeito é criminoso ou pelo menos demasiadamente como, do, querer alguém aljar responsabilidades ou justificar a sua inação, sob o pretexto de que não possui suficientes instruções, perante as dificuldades bem conhecidas a respeito de as pessoas comunicarem entre elas sem conhecimento da polícia. Tenho algo a oferecer: a minha presença no momento oportuno, a qual não posso ser só eu a preparar.

Repto: EU VOLTAREI COMO VOLTEI EM DEZEMBRO! VIVA PORTUGAL LIBERTO! VIVA A II REPUBLICA!

Gen. HUMBERTO DELGADO

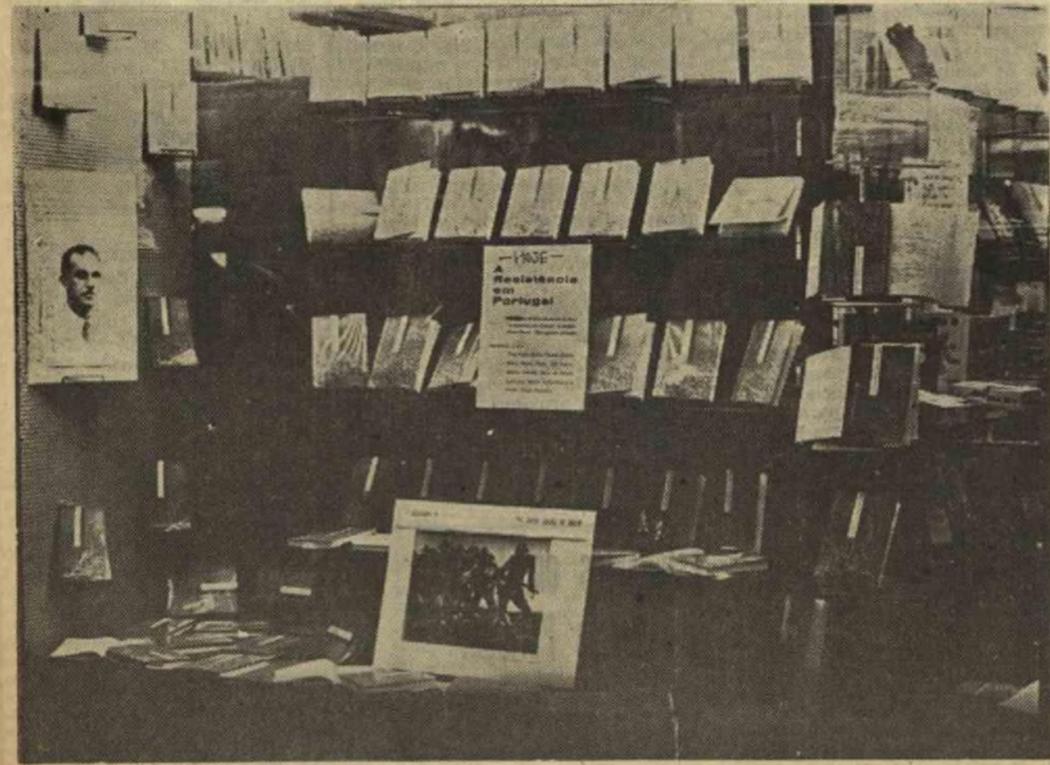
ULTIMA HORA

Deslandes «responde» ao Min. do Ultramar

LISBOA (Do correspondente)

— Nos meios militares vem sendo muito comentado o texto de um telegrama endereçado pelo general Venancio Deslandes, ex-governador de Angola, ao ministro do Ultramar. O general, que teria sido afastado do seu alto cargo na sequência de graves desentendimentos surgidos a propósito da questão do "ensino universitário" em Angola, respondeu a uma mensagem do sr. Adriano Moreira, comunicando um louvor pelos serviços prestados, com o seguinte telegrama: "Senhor Ministro do Ultramar, Excelência: Felicito-o pela unanimidade que diz ter obtido no Conselho de Ministros e devolvo-lhe "a inteligência, zelo e patriotismo" por não lhe reconhecer idoneidade para nos atribuir — Venancio Deslandes.

O governo não está, ao que parece, disposto a punir a "insolência" do general, com recesso das possíveis repercussões.



Aspecto da montra da Livraria Brasiliense nos dias que precederam o lançamento de "A Resistência em Portugal". No meio da profusão de capas da autoria do nosso companheiro de redação, pintor Fernando Lemos, sobressaíram uma foto de Militão Ribeiro e a gravura, já famosa, que mostra o assassinio de Catarina Eufêmia.

Endereços de Assinantes